

Universidades Lusíada

Brás, Sérgio da Conceição Pires, 1965-

**Entre o jogo e o ofício : a evolução do futebol até
ao reconhecimento formal do profissionalismo na
Inglaterra vitoriana**

<http://hdl.handle.net/11067/8430>

<https://doi.org/10.34628/YB5A-B875>

Metadados

Data de Publicação	2026
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Futebol - Grã-Bretanha - História - Século 19, Jogadores de futebol - Estatuto legal, leis, etc. - Grã-Bretanha - Século 19
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FD] Minerva, v. 15, n. 08 (2026)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:02:14Z com
informação proveniente do Repositório

ENTRE O JOGO E O OFÍCIO: A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL ATÉ AO RECONHECIMENTO FORMAL DO PROFISSIONALISMO NA INGLATERRA VICTORIANA

Sérgio Pires Brás

Professor Auxiliar da Universidade Lusíada - Lisboa

Investigador Integrado do CEJEIA

DOI: <https://doi.org/10.34628/YB5A-B875>

O artigo tem por base a tese de doutoramento do autor, intitulada “Contrato de trabalho desportivo. Entre a prestação desportiva, os direitos desportivos e o factor económico, em especial na cessação do vínculo: o caso do futebol”, apresentada na Faculdade de Direito da Universidade Lusíada em 13 de Janeiro de 2025 e discutida em 19 de Setembro de 2025, perante júri presidido pelo Professor Doutor Afonso Filipe Pereira de Oliveira Martins (reitor), e integrado pelos Professores Doutores José Alberto Rodríguez Lorenzo González (orientador), João Leal Amado e Júlio Manuel Vieira Gomes (arguentes), António José Moreira, José Artur Anes Duarte Nogueira e Lúcio Miguel Teixeira Correia (vogais).

A partir dessa investigação, recupera-se aqui parte da secção histórica inicial, seguindo o itinerário através do qual um jogo de matriz lúdica, socialmente periférico e formalmente amador se transformou, num lapso relativamente curto, em desporto codificado, em espectáculo de massas e, por fim, em profissão juridicamente reconhecida. Essa mutação não é apenas sociológica: é também o pano de fundo indispensável para compreender a progressiva autonomização do regime jurídico aplicável ao trabalho desportivo. Importa ainda explicitar um ponto metodológico: o autor não tem qualquer ligação pessoal ao futebol, nem conhecimentos especializados sobre a modalidade. A escolha do tema foi, desde o início, estritamente científica, visando compreender de que modo as singularidades competitivas e, sobretudo, económicas do futebol foram determinantes para a consagração de soluções jurídicas próprias, por vezes em tensão com o modelo laboral comum, com particular acuidade no domínio da cessação do vínculo.

Por razões de economia editorial, as notas de rodapé foram limitadas ao essencial, circunscrevendo-se à identificação das fontes utilizadas.

1. O advento do futebol

O futebol é um jogo. A verdade, ainda assim, é que há já mais de um século que o futebol deixou de ser apenas um jogo e se converteu num autêntico desporto, que não tardou a adquirir um enorme impacto social e económico e a ser praticado em todos os cantos do mundo. Nem sempre da mesma maneira, nem sempre com o mesmo talento¹, mas sempre no respeito pelas mesmas regras básicas de funcionamento e sempre com a mesma emoção. Indiscutível é o facto de o futebol, tanto na vertente de mero jogo, como na de modalidade desportiva rigorosamente organizada, ser hoje praticado em quase todos os lugares onde existem pessoas².

É também incontestável que o futebol se transformou no principal desporto dos nossos dias e no maior espectáculo de massas alguma vez produzido pela civilização humana³, assumindo-se como referência central da legislação aplicável ao contrato de trabalho desportivo nos ordenamentos que seguiram essa via, realidade que é particularmente evidente no direito português. Nessa medida, e precisamente porque foi o futebol que forneceu o impulso originário e moldou as soluções típicas deste regime, o estudo do contrato de trabalho desportivo não pode, sem empobrecimento analítico e desvio da sua matriz histórico-normativa, ser conduzido à margem da modalidade que permanece referência prática e interpretativa decisiva para compreender a sua lógica regulatória, os seus equilíbrios estruturais e os problemas que a disciplina jurídica pretende resolver.

Nos moldes mais próximos dos que hoje conhecemos, esse caminho teve início em Inglaterra há pouco mais de um século, num tempo em que a prática do jogo não exigia mais do que um terreno relativamente plano e um objecto mais ou menos esférico⁴, e despontou

1 MAURÍCIO MENDES BELMONTE; LUIZ GONÇALVES JUNIOR, *Fútbol callejero: nascido e criado no Sul*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 116, 2018, p. 157.

2 YVAN GASTAUT; STÉPHANE MOURLANE, *Introduction*, em *Le football dans nos sociétés - Une culture populaire 1914-1998*, Paris, 2004, p. 5.

3 ANTÓNIO DA SILVA COSTA, *Desporto e Política: Dois fenómenos estruturalmente idênticos*, em *O Desporto e o Estado. Ideologias e Práticas*, Santa Maria da Feira, 2009, p. 327.

4 ROBERT MASSON, *Commentaires des lois du jeu*, em *Le Football*, vol. 1, Genebra, 1954, p. 35.

nos estabelecimentos de ensino frequentados pelos jovens herdeiros das principais elites britânicas. A partir daí, não foi necessário aguardar muito tempo para que o futebol se transformasse num fenómeno social sem qualquer paralelo junto das restantes criações do ser humano⁵ e numa manifestação cultural de âmbito universal, com uma capacidade única de envolver pessoas de diferentes credos, línguas e tradições, num fenómeno de identidade colectiva e de partilha de emoções, que não deixa indiferente nenhum sector das sociedades actuais⁶. Uma centralidade que depressa também alastrou ao plano político, onde o futebol não raras vezes assume um importante papel estratégico, tanto como instrumento de diplomacia, como de construção da identidade nacional e até de reforço das lideranças e das agendas governamentais, tamanha é a sua relação com a vida em sociedade⁷.

2. As origens dos jogos com bola

À semelhança do que sucede com muitas invenções, não é possível determinar, muito menos com precisão, a origem dos jogos ligados à utilização de objectos mais ou menos esféricos, incluindo a da variante que a língua portuguesa denominou como *futebol*⁸. Bem antes desse momento, já era relativamente comum a utilização desses objectos em vários tipos de divertimentos que implicavam a corrida e o pontapé, actividades básicas de qualquer ser humano, nas mais diversas sociedades e circunstâncias de tempo e de lugar. Desde os mais simples e rudimentares até aos mais complexos e elaborados, esses passatempos primitivos diferenciavam-se essencialmente no modo de utilizar a bola, particularmente no seu transporte para um determinado local e no modo de calcular as pontuações⁹. Embora com funcionalidades consideravelmente distintas, mas por referência à história da civiliza-

5 MANUEL FERNANDES SILVA, *O espectáculo desportivo em televisão: «treinar» as emoções no «jogo» da informação*, em *A TV do futebol*, Porto, 2006, p. 54.

6 ARTHUR HOPCRAFT, *The Football Man - People and Passions in Soccer*, Londres, 1990, p. 8.

7 FRANCISCO GUIMARÃES, *Convocatória - Conversa para ir a jogo*, Alfragide, 2021, p. 18.

8 GAVIN KITCHING, 'Old' Football and the 'New' Codes: Some Thoughts on the 'Origins of Football' Debate and Suggestions for Further Research, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 28, 13, 2011, p. 1745.

9 HAROLD ARTHUR HARRIS, *Sport in Greece and Rome*, Londres, 1972, p. 75.

ção humana, não será errado afirmar que a invenção da bola não ficou temporalmente longe da invenção da roda, tamanha a importância que a utilização desses objectos sempre desempenhou nas mais diversas culturas¹⁰.

Desde os tempos mais remotos, é incontestável que os seres humanos foram criando múltiplas formas de se relacionarem uns com os outros, de se divertirem, e também de demonstrarem as suas habilidades e proezas físicas, tanto individuais como em grupo¹¹. Ao longo dos séculos, todas as civilizações acabaram por ser, de uma forma ou de outra e pelas mais variadas razões, tocadas pelo fascínio provocado pelo simples acto de pontapear um objecto tendencialmente redondo e pelo impulso de o transportar para outro lugar – de preferência contra a oposição de adversários – e de o fazer chegar a um ponto determinado como forma de alcançar um certo objectivo¹². É logo desde a primeira infância que qualquer pessoa começa a sentir o irreprimível fascínio de pontapear os objectos que surgem ao alcance da sua visão e, naturalmente, dos seus pés. Não é sequer errado afirmar-se que tal impulso é inerente à própria natureza humana, por se manifestar de forma instintiva desde os primeiros anos de vida, como expressão lúdica e espontânea de movimento, equilíbrio e coordenação¹³.

Compreende-se, por isso, que os primeiros relatos dessas práticas sejam bastante antigos, remontando à pré-história várias representações gráficas de homens a correr atrás de objectos arredondados¹⁴. É até provável que a origem desses divertimentos tenha antecedido o surgimento do *homo sapiens*, o que, a ter ocorrido, significa que esses jogos mais primitivos podem mesmo ser anteriores ao advento da própria humanidade¹⁵.

10 BARBARA W. TUCHMAN, *Practicing History: Selected Essays*, Nova Iorque, 1981, p. 234.

11 WILLY MEISL, *Soccer Revolution: Great Britain taught the world how to play and enjoy Association football - later to be taught many a hard lesson by former pupils*, Londres, 1956, p. 53.

12 CHRISTOPHER ROWLEY, *The Shared Origins of Football, Rugby, and Soccer*, Londres, 2015, p. ix. HENRI GARCIA, *La Fabuleuse Histoire du Rugby*, Paris, 2013, p. 49. STEFAN SZYMANSKI, *Football in England*, em *Handbook on the Economics of Sport*, Northampton, 2006, p. 459.

13 PABLO NACASH, *¡Fútbol! Mucho más que un juego*, Madrid, 2016, p. 8.

14 JOHN WESSON, *The Science of Soccer*, 2020, Boca Raton, p. 3. DESMOND MORRIS, *The Soccer Tribe*, Londres, 1981, p. 10. KENDALL BLANCHARD; ALYCE CHESKA, *The Anthropology of Sport. An Introduction*, South Hadley, 1985, p. 119.

15 MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, vol. I, Barcelona, 2011, p.

Imagens semelhantes são também observáveis na antiga China, pelo menos desde o quinto século anterior à era cristã¹⁶. Outras actividades desse género são igualmente descritas nos programas de treino dos soldados chineses num passado um pouco mais recente, que mencionam igualmente a utilização de objectos esféricos¹⁷, feitos por vezes a partir das matérias-primas mais improváveis. Incluindo, de acordo com alguns relatos mais descritivos, o estômago dos inimigos mortos nalgumas batalhas mais sangrentas¹⁸, ou até mesmo os seus crânios¹⁹. E podem igualmente ser encontradas nas pinturas egípcias de *Béni-Hassan* do segundo século anterior à era cristã, local onde chegaram a ser identificados objectos mais ou menos esféricos, recheados com fibra de palma ou papiro e cobertos com couro ou tecido costurado. Ainda que não se tratasse de nada que se pudesse verdadeiramente assemelhar ao futebol que hoje conhecemos, assemelhando-se mais a malabarismo²⁰, não subsiste dúvida de que os artefactos esféricos continuavam a exercer o seu enorme fascínio junto dessas civilizações ainda relativamente antigas.

Apesar disso, e de forma algo surpreendente, não consta que esse género de objectos tenha sido utilizado nas modalidades que integraram os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, cuja primeira edição remonta a 776 a.C. no santuário de *Olímpia*²¹. Ainda que fosse por essa altura que os exercícios físicos e as competições atléticas se converteram em práticas mais organizadas, a verdade é que as modalidades então escolhidas se concentravam no atletismo, na luta e nas corridas de cavalo, nenhuma delas implicando a utilização de objectos esféricos²². Esse

23. MIGUEL A. BETANCOR LEÓN; CONRADO VILANOU TORRANO, *Historia de la educación física y el deporte através de los textos*, Barcelona, 1995, p. 15.

16 EDUARDO GALEANO, *El futbol a sol y sombra*, Madrid, 2010, p. 25. BRAM COHEN, *Ancient Chinese Football*, em *CAS and Football: Landmark Cases*, Haia, 2012, pp. 1-4 (1).

17 DOUGLAS GARDNER, *History of Football*, Londres, 1971, p. 5. BEATE SANDER, *Der Ball muss ins Tor - Was Fußball, Börse und Aktien vereint und spannend macht*, Munique, 2012, p. 25. GABRIELE MANU; MARCO SCIALANGA, *Football tra storia e leggenda - Dalle origini al calcio moderno*, Turim, 2012, p. 13.

18 MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, cit., vol. I, pp. 34-44 (34).

19 HILÁRIO FRANCO JÚNIOR, *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*, São Paulo, 2007, p. 15.

20 MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, cit., vol. I, p. 105.

21 CHRISTOPHER SHAW, *Five Ring Circus: Myths and Realities of the Olympic Games*, Gabriola Island, 2009, p. 59.

22 FERNANDO FERREIRA, *Síntese da história do desporto, Povos e Culturas*, 9, 2004, p. 154.

poderá até ter sido o motivo pelo qual a primeira referência conhecida a divertimentos com bola na Grécia Antiga – feita por Homero na sua *Odisseia*²³ – tenha surgido associada à dança e ao canto, e não tanto a propósitos de natureza mais competitiva²⁴.

Ainda assim, certo era também o facto de a ligação dos objectos esféricos aos jogos mais físicos não deixar de se verificar em algumas regiões próximas. Principalmente em Esparta, onde foi possível identificar a presença de diversos jogos com bola de características bem mais atléticas, alguns deles já disputados por equipas²⁵. Destacava-se, de entre estes, o que ficou conhecido como *sphaeromachia*, cujo significado literal era mesmo *bola de batalha*, e do qual acabaram por derivar quatro variantes distintas – *episkyros*, *pheninda*, *ourania* e *arpastom* – que começaram a ser praticadas numa base mais ampla, chegando inclusive a assumir a natureza de uma espécie de treino militar²⁶. O *arpastom*, que na sua tradução latina ficou conhecido como *harpastum*²⁷ e que se tornou muito popular na Roma Antiga, colocava em confronto duas equipas situadas em áreas opostas de um terreno delimitado por cordas, tendo cada uma por objectivo transportar a bola até ao extremo oposto do campo de jogo, sem a deixar cair. Na medida em que a movimentação tivesse por finalidade a recuperação da bola ou a conquista de espaços, era lícito aos participantes no *harpastum* recorrer a todo o tipo de contactos físicos, tanto individuais como em grupo, o que implicava doses de agressividade muito consideráveis, numa enorme amálgama de comportamentos violentos, fortemente incitada pela ausência de qualquer árbitro²⁸. No essencial, apenas eram proibidas as agressões mais excessivas, sendo como tal consideradas as que impli-

23 MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, cit., vol. I, p. 115.

24 HOMERO, *Odisseia* (trad. Frederico Lourenço), Lisboa, 2003, p. 138. EDWARD NORMAN GARDINER, *Athletics of the Ancient World*, Oxford, 1930, p. 230. MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, cit., vol. I, pp. 115-120 (117).

25 EDWARD NORMAN GARDINER, *Athletics of the Ancient World*, cit., p. 231.

26 CHRISTOPHER ROWLEY, *The Shared Origins of Football, Rugby, and Soccer*, cit., pp. 24–25. J. R. WITTY, *Early Codes*, em *Association Football*, vol. 1, Londres, 1960, p. 135.

27 PAUL CHRISTESEN, *Sport and Society in Sparta*, em *A Companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity*, Oxford, 2014, p. 148.

28 TONY SCHIRATO, *Understanding Sports Culture*, Londres, 2007, pp. 32–33.

cassem um efectivo risco de vida²⁹. Num plano distinto situavam-se os restantes jogos, quase sempre praticados por mera recreação ou por razões de preparação física, destacando-se o *arpastum* entre aqueles que mais claramente faziam apelo à utilização de uma bola³⁰.

As reminiscências destes jogos greco-romanos, cuja violência dificilmente permite estabelecer uma ligação linear ao futebol que hoje conhecemos³¹, não se perderam com o passar do tempo. Podem, aliás, ser identificadas na França dos finais da Idade Média, na variante denominada *soule*, frequentemente disputada entre duas equipas nas ruas e nos campos durante ocasiões festivas. O seu propósito consistia em transportar a bola até um ponto previamente convencionado no terreno adversário – que podia ser a varanda de uma igreja, uma parede, um buraco, uma árvore, ou mesmo um lago ou riacho onde a bola deveria ser submersa –, sem excluir a simples passagem da bola entre duas estacas colocadas na extremidade do campo oposto. Para alcançar esse objectivo, era permitido quase tudo, incluindo socos, cabeçadas, pontapés, cotoveladas, e até mesmo algumas técnicas de sufocamento³².

Essas elevadas doses de agressividade e brutalidade eram, de igual modo, a marca mais característica de um outro jogo que começou a ser disputado em Itália, em especial na região da Toscana, já durante o Renascimento. Esse jogo, conhecido como *calcio* – literalmente *ponta-pé* – e frequentemente praticado em épocas festivas, colocava frente a frente duas equipas de 27 elementos cada uma, num confronto em que o intenso contacto físico e a disputa pelo espaço assumiam um papel determinante e em que também era admitida toda a espécie de golpes, empurrões, socos e pontapés³³. Dada a expansão dessas actividades na Europa Continental, foi sem surpresa que práticas semelhantes

29 CHRISTOPHER ROWLEY, *The Shared Origins of Football, Rugby, and Soccer*, cit., p. 25. HENRI GARCIA, *La Fabuleuse Histoire du Rugby*, cit., p. 54.

30 JOHN McCLELLAND, *Ball Games, from the Roman Gentleman to the Renaissance Warrior*, em *Militarism, Sport, Europe. War without Weapons*, Londres, 2003, p. 47.

31 JULES RIMET, *Introduction et esquisse historique*, em *Le Football*, vol. 1, Genebra, 1954, p. 10.

32 JOSÉ MIGUEL WISNIK, *Veneno Remédio - O Futebol e o Brasil*, São Paulo, 2008, p. 65. HENRI GARCIA, *La Fabuleuse Histoire du Rugby*, cit., pp. 57-77 (62).

33 JOHN FOOT, *Calcio. A History of Italian Football*, Londres, 2007, p. 2. PAUL DIETSCHY, *Histoire du football*, Paris, 2010, pp. 28-29. JOÃO NUNO COELHO; FRANCISCO PINHEIRO, *A Paixão do Povo - História do futebol em Portugal*, Porto, 2002, pp. 18-19 (18).

acabassem também por surgir na Inglaterra, sob a designação genérica de *hurling*. Tal como as descritas anteriormente, tinham essas práticas todas em comum as já habituais e muito consideráveis doses de brutalidade, materializadas em toda a espécie de investidas e agressões³⁴.

Ainda assim, e depois de devidamente expurgados esses traços mais extremados, não será completamente errado afirmar que já nesses tempos mais remotos existiam jogos com bola que, nos seus aspectos mais básicos e rudimentares, apresentavam ténues semelhanças com aqueles que chegaram aos nossos dias, incluindo com o futebol³⁵. Todos tendiam, com efeito, a assentar no mesmo fundamento básico: transportar uma bola não muito pequena para um determinado local, com o objectivo de se alcançar uma certa pontuação.

É inequívoca a importância que essas práticas acabaram por ter na elaboração das regras que, na Inglaterra da segunda metade do século XIX, conduziram à autonomização de muitas das modalidades desportivas que continuam a ser praticadas por todo o mundo. Uma importância que, por sua vez, se reflecte com particular clareza em relação às duas variantes que a língua portuguesa passou a conhecer como *futebol* e *râguebi*. Apesar de serem hoje realidades claramente distintas, que nem o formato da bola partilham, é indiscutível a raiz comum desses dois jogos, bem visível na presença da palavra *football* – *football association* e *football rugby* – nas respectivas designações originais³⁶.

3. A influência britânica

Ainda que não seja possível determinar com precisão o local de origem da modalidade que hoje conhecemos como *futebol*, e ainda que possa ser discutível a sua ligação às práticas violentas mais anti-

34 JOHN McCLELLAND, *Body and Mind - Sport in Europe from the Roman Empire to the Renaissance*, Oxford, 2007, p. 8.

35 ROGÉRIO DA CUNHA VOSER; MARCOS GIOVANI VIEIRA GUIMARÃES; EVERTON RODRIGUES RIBEIRO, *Futebol: História, técnica e treino de goleiro*, Porto Alegre, 2006, p. 13.

36 EDUARDO GALEANO, *El futbol a sol y sombra*, cit., p. 28. MICKAËL CORREIA, *Une histoire populaire du football*, Paris, 2018, p. 37.

gas³⁷, muito por força das diferenças que evidenciavam³⁸, parece claro ter sido na Inglaterra que os jogos com bola se começaram a desenvolver e a consolidar de uma forma mais efectiva. Essa conclusão encontra apoio na primeira referência escrita ao *famous game of foot-ball*, relatada por William Fitzstephen em 1183, no prólogo do seu livro biográfico sobre o arcebispo da Cantuária Thomas Becket, onde se refere que, depois do jantar, os jovens da cidade de Londres costumavam dirigir-se aos subúrbios para aí praticarem o *célebre jogo do pé na bola*, fazendo-o normalmente acompanhados pelos seus pais.

Nos séculos que se seguiram a essas primeiras referências, a bola não mais terá deixado de ser jogada nos territórios britânicos, e das mais diversas maneiras, a ponto de a palavra *football* ter começado a generalizar-se a partir de 1314, como forma de identificar essas variantes mais antigas de jogos com bola cada vez mais frequentes, em paralelo com outros divertimentos físicos³⁹. A aristocracia dedicava-se principalmente às corridas a cavalo, à caça organizada, às provas de tiro, à pesca e à esgrima⁴⁰. As classes sociais mais baixas, por sua vez, preferiam a caça furtiva, o lançamento de argolas, o boxe, a luta livre e, naturalmente, as inúmeras formas de jogo com recurso à utilização de um objecto mais ou menos esférico⁴¹. Em qualquer dos casos, ficava bem patente o enorme gosto e a marcada apetência dos britânicos medievais por actividades físicas assentes na destreza e na força, num registo em que o jogo se confundia com a própria afirmação do vigor corporal⁴².

Essa predilecção pelas práticas sociais mais físicas manifestou-se sobretudo nas regiões do norte de Inglaterra e na Escócia⁴³, onde, a

37 PAUL DIETSCHY, *Histoire du football*, cit., p. 22. MIKE ROBERTS, *The Same Old Game. The true story of the ancient origins of football*, cit., vol. I, p. 124. R. W. PICKFORD, *The Psychology of the History and Organization of Association Football*, *British Journal of Psychology*, vol. 31, 1, 1940, p. 82. REV. F. MARSHALL, *Rugby Football: The Origin of the Game*, em *The Rugby Game*, Londres, 1892, p. 3.

38 HOMERO SERPA, *História do Desporto em Portugal - Do Século XIX à Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, 2007, p. 48.

39 MATTHEW TAYLOR, *The Association Game - A History of British Football*, 2008, p. 19. CHARLES WILLIAM ALCOCK, *Football our Winter Game*, Londres, 1874, pp. 1-26 (8-9).

40 JOÃO LYRA FILHO, *Introdução à sociologia dos desportos*, Rio de Janeiro, 1973, p. 149.

41 ERIC DUNNING, *Sport Matters - Sociological studies of sport, violence and civilization*, Londres, 1999, p. 88.

42 CHARLES TENNYSON, *They Taught the World to Play*, *Victorian Studies*, vol. 2, 3, 1959, p. 211.

43 TONY MASON, *Football*, em *Sport In Britain: A Social History*, Cambridge, 1989, p. 146.

partir dos primeiros anos do século XIV, se tornaram frequentes as referências à prática do chamado *football*. Tratava-se de um jogo que reunia duas equipas e fazia uso de um objecto arredondado semelhante a uma bola, o qual, apesar das inúmeras diferenças face ao futebol da actualidade, pode ser visto como um seu parente muito afastado. Esses jogos de *mob football*⁴⁴ – ou *futebol de multidão* – envolviam um número significativo e ilimitado de participantes, dispersos durante longas horas em terrenos com extensões de quilómetros⁴⁵, e encerravam elevadas doses de violência, num ambiente em que o ímpeto colectivo frequentemente se sobrepunha a qualquer ideia de regra ou contenção. Tratava-se do que hoje é frequente designar-se por *folk-football*, expressão que abrange as múltiplas variantes, mais ou menos improvisadas, de jogos com bola, sujeitas a regras rudimentares e instáveis, frequentemente adaptadas às características do terreno e às tradições locais de uma nação ainda largamente rural⁴⁶.

Também conhecidos como *hurling*, por implicarem o transporte e o arremesso de uma bola, esses jogos eram, quase sempre, disputados em duas variantes: o *hurling to goales* e o *hurling to the countries*, sendo esta última a mais expressiva, por confrontar duas povoações e acentuar rivalidades locais e vínculos identitários⁴⁷. Em ambos os casos, era permitida a utilização das mãos, dos pés e de todo o género de golpes, empurrões e pontapés que pudessem conferir vantagem sobre o adversário, a ponto de muitas vezes a bola não passar de um mero acessório⁴⁸. Não surpreende, por isso, que perante os distúrbios públicos, ferimentos graves e até mortes⁴⁹, as autoridades locais tenham chegado

44 NORBERT ELIAS; ERIC DUNNING, *O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos*, em *A busca da excitação*, Lisboa, 1992, p. 257.

45 DAVID DRUMMOND BONE, *Scottish Football Reminiscences and Sketches*, Glasgow, 1890, p. 2.

46 ROBERT W. MALCOLMSON, *Popular Recreations in English Society, 1700-1850*, Edimburgo, 1973, pp. 34-35.

47 RICHARD CARREW, *A Survey of Cornwall*, Londres, 1602, pp. 74-75 (75). NORBERT ELIAS; ERIC DUNNING, *Folk Football in Medieval and Early Modern Britain*, em *Sport: Readings from a Sociological Perspective*, Toronto, 1972, pp. 126-129 (129).

48 RICHARD SANDERS, *Beastly Fury - The Strange Birth of British Football*, Londres, 2010, p. 3.

49 THOMAS ELYOT, *The Book named The Governour*, Londres, 1531, pp. 295-296. PHILLIP STUBBES, *Anatomy of the abuses in England*, Londres, 1583, p. 184. THOMAS D'UFREY GENT, *Collin's Walk Through London and Westminster - A Poem written in the Burlesque*, Londres, 1690, pp. 192-193.

a proibir a sua prática⁵⁰ e a sancionar severamente os prevaricadores, quase sempre dominados pelo álcool⁵¹, inclusive com a real ameaça de serem detidos, ou até mesmo presos por vários anos⁵².

Tais medidas, no entanto, nunca se revelaram muito eficazes, porque tais jogos estavam profundamente enraizados nos padrões de vida das sociedades britânicas mais antigas⁵³. Sem os erradicar, acabaram sobretudo por os afastar do interior das aldeias e das cidades, passando a sua realização a concentrar-se em campos e terrenos rurais específicos, quase sempre na periferia das zonas urbanas, o que permitiu, ao mesmo tempo, disfarçar os comportamentos mais impetuosos e agressivos⁵⁴.

A partir de meados do século XIX, as formas mais populares de jogos com bola foram registando um progressivo declínio, muito por força do carácter errático com que eram organizados e por efeito da urbanização e da industrialização, que esbateram as tradições campestres e encurtaram o tempo disponível para o lazer⁵⁵. Em boa medida, tais práticas violentas, só vagamente parecidas com o futebol da actualidade⁵⁶, correspondiam a hábitos rurais que se esfumavam com os novos processos de trabalho e o êxodo das populações para os conglomerados fabris das grandes cidades⁵⁷. Esse decréscimo não significou, porém, o desaparecimento do espírito lúdico e da mentalidade

50 WRAY VAMPLEW, *Pay Up and Play the Game - Professional Sport in Britain, 1875-1914*, Cambridge, 1988, p. 27.

51 TERESA MCLEAN, *The English at Play in the Middle Ages*, Slough, 1983, p. 184.

52 DOUGLAS GARDNER, *History of Football*, cit., pp. 6–8. NORBERT ELIAS; ERIC DUNNING, *Folk Football in Medieval and Early Modern Britain*, cit., pp. 116–117. ERIC DUNNING, *Sport Matters - Sociological studies of sport, violence and civilization*, cit., pp. 84–85. MONTAGUE SHEARMAN, *Athletics and Football*, Londres, 1894, pp. 272-294 (272).

53 JOHN STOW, *A Survey of the Cities of London and Westminster*, Londres, 1598, p. 257. JOSEPH STRUTT, *The Sports and Pastimes of the People of England*, Londres, 1801, p. xxix.

54 NORBERT ELIAS; ERIC DUNNING, *Folk Football in Medieval and Early Modern Britain*, cit., pp. 116-132 (116). PETER SWAIN, *Cultural Marginalization and Folk Football in England: The case of Hurling, 1600-1860*, *Soccer & Society*, vol. 13, 2020, pp. 1-12 (9). GRAHAM SCAMBLER, *Sport and Society: History, Power and Culture*, Maidenhead, 2005, pp. 31-33 (31).

55 WRAY VAMPLEW, *The development of team sports before 1914*, em *Handbook on the Economics of Sport*, Northampton, 2006, p. 435.

56 TONY COLLINS, *The Oval World: a Global History of Rugby*, Londres, 2016, p. 21.

57 ANDREW RIDDOCH; JOHN KEMP, *When the Whistle Blows: The Story of the Footballers' Battalion in the Great War*, Haynes, 2015, p. 1.

recreativa que caracterizara a população britânica, antes traduzindo a sua progressiva canalização para formas mais enquadradas e, por isso, mais duradouras de prática colectiva⁵⁸.

4. O papel das escolas públicas inglesas

Não obstante a designação por que ficaram conhecidas, as escolas públicas inglesas eram, na sua essência, estabelecimentos de ensino privados, dotados de autonomia face ao Estado e à Igreja⁵⁹. Tendo sido originariamente constituídas como instituições de beneficência ou escolas primárias destinadas aos filhos das populações mais pobres, acabaram progressivamente por se transformar em internatos pagos, essencialmente vocacionados para os jovens das classes sociais mais elevadas⁶⁰. Foi nessa configuração, e ainda durante a primeira metade do século XIX, que as *public schools* inglesas desempenharam um papel crucial na regulação e normalização de dois dos mais destacados jogos de bola então praticados⁶¹.

Na medida em que, para além de acolherem os *barbarians* – os filhos da alta sociedade aristocrática –, esses estabelecimentos passaram também a albergar os *philistines* – os herdeiros das novas classes médias, oriundas da burguesia urbana e dos senhores rurais –, era no seu interior que se concentravam os principais representantes das elites sociais inglesas⁶². Foi essa confluência que conferiu às escolas públicas uma diversidade populacional particularmente apta a estreitar distâncias entre os jovens de origem distinta, mas socialmente próximos no estatuto⁶³. Ao mesmo tempo, foram também as *public schools* que pas-

58 COLM KERRIGAN, *Teachers and Football: Schoolboy Association Football in England, 1885-1915*, Londres, 2005, p. 3.

59 ERIC DUNNING; KENNETH SHEARD, *Barbarians, Gentlemen and Players - A sociological study of the development of rugby football*, Nova Iorque, 2005, p. 36.

60 ERIC DUNNING; KENNETH SHEARD, *Barbarians, Gentlemen and Players - A sociological study of the development of rugby football*, Nova Iorque, 2005, p. 36.

61 PAUL MONROE, *A Brief Course in the History of Education*, Londres, 1907, pp. 185–186.

62 MATTHEW ARNOLD, *Culture and Anarchy: An Essay in Political and Social Criticism*, Londres, 1889, pp. 59-88 (66–67). THIERRY TERRET, *Histoire du sport*, 2011, p. 17.

63 ASA BRIGGS, *The Making of Modern England 1783-1867. The Age of Improvement*, Nova Iorque, 1959, p. 411. G. KITSON CLARK, *The Making of Victorian England*, Oxford, 1962, p. 273. EDWARD A. ALLEN, *Public School Elites in Early-Victorian England: The Boys at Harrow and Merchant Taylors' Schools from 1825 to 1850*, *Journal of*

saram a proporcionar aos seus alunos componentes educativas, sociais e culturais que as restantes instituições de ensino não estavam em condições de facultar⁶⁴, em especial no que respeita às actividades físicas desenvolvidas à margem de recompensas materiais ou espirituais, sob o signo de uma disciplina própria e de um ideal formativo⁶⁵.

As evidências mais consistentes apontam para que tenha sido nessas escolas que as primeiras sementes da modalidade que hoje conhecemos como futebol se aninharam e começaram a desenvolver-se⁶⁶. Parece claro ter sido no interior dessas instituições que os jovens estudantes ingleses começaram a recriar os populares jogos de *folk-football* e a convertê-los numa prática mais organizada e regulada⁶⁷. Importa notar que este movimento ocorria num contexto em que, sobretudo na Europa continental, a ginástica assumia então um relevo formativo particularmente intenso, muitas vezes estruturada em métodos de matriz nacional – do *Turnen* alemão, associado à disciplina física e cívica, à ginástica sueca sistematizada como modelo pedagógico –, ao passo que, em Inglaterra, ganhava terreno a ideia de que os jogos colectivos poderiam desempenhar função equivalente, por via do treino do carácter, da liderança e da vida em equipa. Nesse enquadramento, faziam-se igualmente sentir os efeitos do relatório de 1864 da *Clarendon Commission*, que relativizou o papel da ginástica e passou a conceber o desporto como instrumento de aperfeiçoamento do carácter dos jo-

British Studies, vol. 21, 2, 1982, pp. 88–89.

64 EDWARD A. ALLEN, *Public School Elites in Early-Victorian England: The Boys at Harrow and Merchant Taylors' Schools from 1825 to 1850*, cit., pp. 88–89.

65 BILL MURRAY, *The World's Game: A History of Soccer*, Chicago, 1996, p. 5.

66 GRAHAM CURRY; ERIC DUNNING, *Association Football - A study in figurational sociology*, Oxford, 2015, pp. 31–32. ERIC DUNNING; KENNETH SHEARD, *Barbarians, Gentlemen and Players - A sociological study of the development of rugby football*, cit., p. 35. TONY MASON, Soccer, em *Encyclopedia of World Sport - From Ancient Times to the Present*, Oxford, 1999, p. 368. ROBERT LEWIS, *Public Schools*, em *Encyclopedia of British Football*, Londres, 2002, p. 243. MARIA DA CONCEIÇÃO GOMES, *O Direito e o futebol: uma ordem jurídica sem espírito desportivo?*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 21, 1986, p. 71.

67 ROBERT W. LEWIS, «*Touched Pitch and Been Shockingly Defiled*»: Football, Class, Social Darwinism and Decadence in England, 1880-1914, em *Sport in Europe: Politics, Class, Gender*, Londres, 1999, p. 117. GRAHAM CURRY; ERIC DUNNING, *The problem with revisionism: how new data on the origins of modern football have led to hasty conclusions*, *Soccer & Society*, vol. 14, 4, 2013, pp. 429-445 (429). ADRIAN HARVEY, *The Emergence of Football in Nineteenth-Century England: The Historiographic Debate*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 30, 18, 2013, pp. 2154-2163 (2154).

vens estudantes, com particular incidência nos jogos de equipa⁶⁸.

Circunscritos àqueles espaços de formação, os jogos com bola deixavam de representar ameaças significativas à propriedade privada e à ordem pública, esbatendo-se, por isso, os principais entraves ao seu desenvolvimento⁶⁹. A este respeito, foram decisivas as preocupações da sociedade victoriana com a saúde física e mental das populações, bem como o reconhecimento, cada vez mais afirmado, das vantagens de programas de ensino que integrassem a actividade física como componente estruturante⁷⁰. Pode afirmar-se, com segurança, que para além de fundamentais na preparação dos futuros agentes administrativos e militares do Império Britânico⁷¹, as escolas públicas inglesas, através da prática do desporto, tiveram também um papel essencial no desenvolvimento moral, social e físico das populações mais jovens. Foram elas que ajudaram a dissipar os resquícios de violência que subsistiam nos jogos com bola e fomentaram a sua introdução junto dos extractos sociais mais elevados⁷², numa tendência que se revelou para que as variantes de *folk-football* se fossem transformando nos desportos modernos que chegaram aos nossos dias⁷³, o que se tornou ainda mais evidente a partir de 1845, com a chegada das primeiras regras escritas na escola de Rugby⁷⁴.

Até então, as variantes praticadas em contexto escolar não passavam de adaptações locais dos jogos tradicionais mais populares⁷⁵, su-

68 STEPHEN J. BALL, *The Education Debate*, Bristol, 2008, p. 60.

69 ERIC DUNNING; KENNETH SHEARD, *Barbarians, Gentlemen and Players - A sociological study of the development of rugby football*, cit., p. 35.

70 CHRISTIAN HOLLER; FABIAN BRÄNDLE, *Goal! A Cultural and Social History of Modern Football*, Washington, 2015, p. 11.

71 ROBERT VERKAIK, *Posh Boys: How the English Public Schools Ruin Britain*, Londres, 2018, p. 33. ANDREI S. MARKOVITS, *Pourquoi n'y a-t-il pas de football aux États-Unis ? l'autre «exceptionnalisme» américain*, *Vingtième Siècle, Revue d'histoire*, 26, 1990, p. 25.

72 GEOFFREY GREEN, *Soccer: The World Game. A Popular History*, Londres, p. 18. ERIC DUNNING, *O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações*, em *A busca da excitação*, Lisboa, 1992, p. 395.

73 CARLOS NOLASCO, *Futebol: Desporto e emoção*, *Revista Con(m)textos de Sociologia*, 3, 2004, p. 16.

74 RUGBY SCHOOL, *The Laws of Football as played at Rugby School*, Rugby, 1845, par. 1. ERIC DUNNING; GRAHAM CURRY, *Public schools, status rivalry and the development of football*, em *Sport Histories. Figurational studies of the development of modern sports*, Londres, 2004, pp. 42-46 (42).

75 DAVID JESÚS MOSCOSO; VÍCTOR ALONSO, *Globalización y deporte. Una propuesta de investigación a través del fútbol en Canarias*, *Cultura, Ciencia y Deporte*, vol. 1, 3, 2005, pp. 126-127.

jeitas a regras mínimas e frequentemente ajustadas no início de cada partida, o que dificultava a sua proliferação e a sua aceitação fora do círculo restrito dos que dominavam os seus códigos internos⁷⁶. A heterogeneidade das escolas, aliada às tradições particulares de cada estabelecimento e à diversa topografia dos terrenos de recreio⁷⁷, fazia com que no seu seio continuassem a coexistir múltiplas versões do mesmo jogo, semelhantes nos traços gerais, mas divergentes em aspectos decisivos. Era natural que os alunos moldassem as regras às condições de espaço e de uso de que dispunham, tornando comum que condutas interditas nalguns colégios fossem pacificamente toleradas noutros⁷⁸. Criava-se, assim, um obstáculo permanente às competições intra-escolares, que só podia ser ultrapassado por via de acordos prévios quanto ao conjunto comum de regras a utilizar, normalmente assente em cêndências recíprocas⁷⁹.

Essa multiplicidade de soluções acabou por comprometer a expansão dos jogos para fora dos ambientes escolares. As regras, quando fixadas, eram de difícil compreensão para o público em geral, pouco familiarizado com jargões internos e com a linguagem, por vezes obscura, utilizada pelos alunos⁸⁰, mesmo quando publicadas em jornais de cariz desportivo⁸¹. Por isso, fora dos portões das escolas, a população continuava a divertir-se pontapeando a bola e recorrendo a empurrões e rasteiras sobre os adversários, quase sempre segundo regras próprias, ajustadas de forma sumária antes de cada partida, num registo em que a tradição local prevalecia sobre qualquer pretensão de uniformidade.

76 PAUL HAYWARD, *England Football: The Biography: 1872-2022*, Londres, 2022, p. 17. WARREN P. FRALEIGH, *Why the good foul is not good*, *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, vol. 53, 1, 1982, pp. 41-42 (41).

77 DOUGLAS GARDNER, *History of Football*, cit., p. 13. STANLEY F. ROUS, *Évolution des lois du jeu*, em *Le Football*, vol. 1, Genebra, 1954, p. 21.

78 COSME DAMIÃO, *Apontamentos e recortes sobre Football Association*, Lisboa, 1925, p. 5.

79 KEVIN CONNOLLY; RAB MACWILLIAM, *Fields of Glory, Paths of Gold: The History of European Football*, Edimburgo, 2006, p. 19.

80 ADRIAN HARVEY, *The Public Schools and Organized Football in Britain: Fresh Perspectives on Old Paradigms*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 33, 3, 2016, p. 279.

81 ADRIAN HARVEY, *The Beginnings of a Commercial Sporting Culture in Britain, 1793-1850*, Aldershot, 2004, p. 44.

5. O jogo mais simples

Nesse cenário, acabaram por ser os antigos alunos das escolas públicas – então já nas universidades⁸² – que assumiram a tarefa de tentar harmonizar as regras das vertentes que, num futuro não muito distante, ficariam conhecidas como *football rugby* e *football association*⁸³. Sendo nas instituições de ensino superior que se concentravam estudantes provenientes das mais diversas *public schools*, não lhes seria possível continuar a praticar a sua modalidade preferida sem regras um mínimo de uniformidade normativa que todos aceitassem respeitar⁸⁴.

A primeira tentativa relevante ocorreu em 1848, por iniciativa de um grupo de estudantes da Universidade de Cambridge, reunidos num encontro intenso que se prolongou por várias horas⁸⁵. As regras então delineadas proibiam agarrar e pontapear os adversários e vedavam o transporte da bola com as mãos. Era a consagração da prevalência da utilização das pernas e dos pés e, simultaneamente, da supressão dos embates físicos mais violentos⁸⁶. As mãos poderiam ainda ser usadas, mas apenas para parar a bola⁸⁷, sendo tal restrição aplicável indistintamente a todos, uma vez que não estava prevista a existência de um jogador com funções diferenciadas, com a missão de proteger o local onde a bola deveria ser colocada⁸⁸. A reduzida largura da baliza, normalmente fixada entre os dois e os três metros, não era de molde a

82 MONTAGUE SHEARMAN, *Athletics and Football*, cit., p. 358. JOHN HUTCHISON, *The Football Industry: The Early Years of the Professional Game*, Glasgow, 1982, p. 11. ROBERT W. LEWIS, *The genesis of professional football: Bolton-Blackburn-Darwen, the centre of innovation 1878–85*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 14, 1, 1997, p. 22. GRAHAM CURRY; ERIC DUNNING, *Association Football - A study in figurational sociology*, cit., pp. 62-86 (62).

83 COLM KERRIGAN, *Teachers and Football: Schoolboy Association Football in England, 1885-1915*, cit., p. 2.

84 G. EDWARD WHITE, *Soccer in American Culture. The Beautiful Game's Struggle for Status*, Columbia, 2022, p. 12. GAVIN COOKE, *The Football Pocket Bible: Everything you Need to Know About the Beautiful Game*, Richmond, 2010, p. 3. NORBERT ELIAS; ERIC DUNNING, *A dinâmica dos grupos desportivos - uma referência especial ao futebol, em A busca da excitação*, Lisboa, 1992, p. 280.

85 HUNTER DAVIES, *Boots, Balls and Haircuts: An Illustrated History of Football from Then to Now*, Londres, 2003, p. 25.

86 G. EDWARD WHITE, *Soccer in American Culture. The Beautiful Game's Struggle for Status*, cit., p. 12.

87 CHRISTOPHER ROWLEY, *The Shared Origins of Football, Rugby, and Soccer*, cit., pp. 113–114.

88 JONATHAN WILSON, *The Outsider: A History of the Goalkeeper*, Londres, 2013, p. 12.

justificar a presença de um atleta limitado a tal função⁸⁹.

Concretizado esse primeiro conjunto de regras, o passo seguinte passava por alargá-lo para além do espaço académico, sobretudo junto dos sectores que já preferiam as variantes que excluía a condução da bola com as mãos. Esse objectivo foi favorecido pelo contributo dos primeiros clubes orientados para a nova vertente, que começaram a surgir com maior regularidade, impulsionados pela revisão das regras de Cambridge operada no ano anterior. Nesse movimento de institucionalização progressiva, destaca-se em 1857 a fundação do *Sheffield Football Club*, composto não apenas por antigos alunos das *public schools* e das universidades, mas também por comerciantes e industriais da região. Em meados do século XIX, Sheffield afirmava-se já como poderosa cidade do norte de Inglaterra, marcada pelo rápido crescimento populacional e pela exploração de recursos naturais, factores que também não tardariam a conduzir à proletarização do futebol.

Terá mesmo sido essa tendência que levou o *Sheffield Football Club* a elaborar um conjunto de regras próprias no ano seguinte, que proibiam a circulação da bola com as mãos e eliminavam as rasteiras e os pontapés nas tíbias e nos tornozelos⁹⁰. Essas regras foram adoptadas pelos vários clubes da região, cujo número crescia a bom ritmo, quase sempre por iniciativa dos próprios jogadores e com o apoio de empresários locais, e que tiveram um importante papel na difusão da modalidade para fora dos círculos escolares⁹¹.

Foi também nesse processo de expansão que os clubes desportivos passaram a afirmar-se como a verdadeira unidade organizativa dos modernos jogos de equipa ingleses, correspondendo a estruturas estáveis, com pertença definida e capacidade de transformar um divertimento irregular numa prática treinada e publicamente reconhecível. Integrados num processo de socialização masculina em que a prática desportiva e a assistência aos jogos assumiam um papel predominante, os clubes foram decisivos para a explosão da popularidade do futebol

89 JOSEPH STRUTT, *The Sports and Pastimes of the People of England*, cit., p. 94.

90 ADRIAN HARVEY, *The Public Schools and Organized Football in Britain: Fresh Perspectives on Old Paradigms*, cit., p. 280. GRAHAM MORSE, *Sir Walter Winterbottom: The Father of Modern English Football*, Londres, 2016, p. 29.

91 ÁLVARO MAGALHÃES, *História natural do futebol*, Lisboa, 2004, pp. 153–154.

como desporto de espectadores, sobretudo ao longo das décadas de 1870 e 1880. No caso do futebol, multiplicaram-se em cidades e vilas, impulsionados por empresários fabris e por antigos alunos das universidades, passando a ser em torno deles que se agregavam os que pretendiam participar no novo jogo de forma mais regular e organizada.

Nesse contexto, assumiu particular relevo a intervenção de John Charles Thring, professor da *Uppingham Grammar School*, ao propor em 1862 uma nova solução, reduzida a 250 palavras e dez regras básicas⁹², com o propósito de tornar o jogo ainda mais simples e unificar a sua prática, pelo menos no plano escolar. Essas dez regras consagravam as duas medidas essenciais já associadas à vertente emergente: a proibição dos contactos físicos mais violentos e a exclusão do uso das mãos no transporte da bola, reforçando a componente do *drible* associada ao predomínio dos pés⁹³ e contribuindo, desse modo, para a consolidação de um modelo mais reconhecível e replicável.

6. O futebol de associação

Apesar de a proposta não ter produzido grande impacto no meio escolar a que se destinava – incluindo nas universidades –, foi muito bem acolhida por alguns clubes, em especial pelos que no ano seguinte decidiram constituir a *Football Association*, entidade que tinha como principais objectivos administrar o jogo à escala nacional e retirá-lo dos âmbitos escolares mais restritos. Foi essa decisão que acabou por conferir à modalidade a dinâmica e organização que ainda lhe faltavam, e que haveria de assinalar o nascimento do futebol moderno.

Foi neste enquadramento que a *Football Association* veio a ser formalmente criada em 26 de Outubro de 1863, na primeira de um conjunto de seis reuniões realizadas na *Freemason's Tavern*, em Londres, com a presença de representantes de onze clubes. Apesar de não ter contado com nenhum representante das escolas públicas ou das universidades, a nova associação conseguiu apresentar, poucas semanas depois, um conjunto de regras devidamente unificadas – as *Laws of the*

92 PAUL BROWN, *The Victorian Football Miscellany*, Los Gatos, 2013, pp. 30–31.

93 CHRISTOPHER ROWLEY, *The Shared Origins of Football, Rugby, and Soccer*, cit., p. 115.

London Football Association –, que ficariam conhecidas por *Laws of the Game*. Ainda que incluíssem soluções bem diferentes das que hoje conhecemos, seria através desse corpo normativo que o futebol de associação começaria finalmente a expandir-se para fora dos ambientes escolares mais fechados, como jogo vocacionado para jovens cavalheiros e dotado de um mínimo de previsibilidade.

Nos seus traços principais, as *Laws of the Game* afastavam-se pouco das que tinham sido apresentadas no ano anterior sob a denominação *The Simplest Game*. Ficavam muito claros três princípios estruturantes do novo jogo: a mínima utilização das mãos; a proibição dos contactos físicos mais violentos; e a evidente preferência pelo uso dos pés. Ao mesmo tempo, essas regras também marcavam o culminar da ruptura entre os *handlers* e os *dribblers*. Do ponto de vista cronológico, foi precisamente o esforço de simplificação e uniformização levada a cabo pela *Football Association* que separou, para sempre, as duas modalidades mais populares de jogos com bola: o *football-association* e o *football-rugby*, cada qual com a sua lógica e com o seu próprio universo de adeptos. Tendo retirado óbvias vantagens da clareza e compreensibilidade das suas regras – sobretudo quando comparadas com as do *râguebi* –, o futebol de associação tornou-se rapidamente um desporto muito fácil de aprender e de assimilar, tanto para os jogadores como para os adeptos e para o público em geral. É também por isso que tende a entender-se que o verdadeiro mérito da Inglaterra não residiu tanto na criação do jogo, mas na codificação e uniformização das suas regras, que foram, em larga medida, os motores da sua difusão para outros países e para outros contextos sociais.

Não obstante, é importante referir que a passagem da vertente de associação ao estatuto de modalidade minimamente organizada não produziu alterações relevantes no estatuto dos jogadores. Todos, sem excepção, continuavam a ser amadores, jogando pelo simples prazer de praticar uma actividade que lhes permitia medir forças com os membros da equipa adversária. O futebol era apenas mais um dos desportos praticados pelos jovens dos extractos sociais mais elevados – os *sportsmen* –, provenientes sobretudo da alta nobreza e da burguesia industrial, num registo ainda distante de qualquer ideia de profissão. Desse ponto de vista, a expressão *amador* não pretendia identificar apenas

atletas que actuavam de forma gratuita. Simbolizava, acima de tudo, os cavalheiros dos extractos sociais mais elevados, que jogavam de forma limpa, com respeito integral pelas regras do jogo – incluindo as não escritas –, e sempre com total *fair play*, segundo uma intencionalidade que se pretendia puramente desportiva. Não perseguiram a fama, muito menos o lucro económico, mas antes o prazer proporcionado pela prática do novo jogo e pela afirmação de um certo ideal de conduta.

Para além de ter mantido inalterado o estatuto dos jogadores, a consolidação das regras do jogo também não provocou, ao contrário do que se poderia esperar, um afluxo massivo de clubes à *Football Association*. No ano seguinte à sua fundação, a associação continuava a contar com um número reduzido de membros, essencialmente limitado à região industrial de Sheffield e à Escócia, circunstância que colocava em risco a sua própria subsistência. Deste modo, o impacto ainda limitado da nova vertente de associação residia, em larga medida, no facto de a maioria dos clubes persistir na utilização de regras próprias, herdadas pelos seus jogadores enquanto alunos das escolas públicas e das universidades. Tal sucedia mesmo quando as equipas não partilhavam totalmente as mesmas opções, por prevalecer o antigo hábito de ajustar as regras por acordo antes do início de cada partida, preservando uma plasticidade que, embora útil no imediato, travava a consolidação do novo modelo.

7. A relevância económica do jogo

O cenário da prática do futebol baseado no puro amadorismo só começou a inverter-se no início da década de 1870, quando as *Laws of the Game* começaram finalmente a difundir-se com maior intensidade nas regiões mais ao norte, em especial junto dos extractos sociais mais baixos ligados à produção fabril⁹⁴, circunstância que significou também o início do afastamento das elites da modalidade⁹⁵. A atracção

94 DAVE DAY; SAMANTHA-JAYNE OLDFIELD, *Delineating Professional and Amateur Athletic Bodies in Victorian England, Sport in History*, vol. 35, 1, 2015, p. 39. GARETH WILLIAMS, *Rugby Union*, em *Sport In Britain: A Social History*, Cambridge, 1989, p. 308.

95 GARY JAMES; DAVE DAY, *The Emergence of an Association Football Culture in Manchester 1840–1884*, *Sport in History*, vol. 34, 1, 2014, pp. 49-74 (66).

por regras mais claras e partilhadas conduziu a um aumento significativo da criação de clubes nas zonas mais industrializadas e intensificou rivalidades nas principais cidades⁹⁶, num ambiente em que o jogo começava a ganhar centralidade no quotidiano urbano. No dealbar dessa década e em muito pouco tempo, a modalidade começava finalmente a caminhada que rapidamente a transformaria no principal factor de demonstração do espírito combativo dos britânicos, agora também nas questões ligadas ao desporto, e numa actividade económica difícil de ignorar⁹⁷.

Em 1871, a conjugação desses elementos tornou possível à *Football Association* instituir a sua primeira competição verdadeiramente organizada, num momento em que já contava com cinquenta membros e em que as *Laws of the Game* já admitiam a figura do guarda-redes⁹⁸, inovação que acentuou o interesse pela vertente de associação e reforçou a sua identidade⁹⁹. Esse marco correspondeu à edição inaugural da *Football Association Challenge Cup*, que contou com a participação de quinze clubes ingleses, escoceses e galeses, conferindo-lhe o estatuto de primeira prova nacional disputada na configuração oficial da nova variante¹⁰⁰. Tratava-se de um torneio fechado com jogos a eliminar – o modelo de taça –, em que o vencedor era encontrado numa final disputada entre os dois únicos clubes que não tivessem sido vencidos ao longo da competição, segundo uma lógica simples, mas altamente apelativa.

O modelo não tardou a ser reproduzido na Irlanda, no País de Gales e, sobretudo, na Escócia, que possuía largas tradições no *folk football*¹⁰¹ e onde os principais clubes já começavam a erguer recintos de maiores dimensões, beneficiando das assistências e do estilo mais trabalhado de finta e passe dos *scottish professors*¹⁰². Ao mesmo tempo,

96 ALEX MURPHY, *The Official Illustrated History of Manchester United*, Londres, 2006, p. 11.

97 WILHELM DIBELIUS, *England*, Londres, 1930, pp. 167–168.

98 JONATHAN WILSON, *The Outsider: A History of the Goalkeeper*, cit., p. 15.

99 BILL MURRAY, *Football: A History of the World Game*, Aldershot, 1994, p. xi.

100 JOEL ROOKWOOD; CHARLES BUCKLEY, *The Significance of the Olympic Soccer Tournament From 1908-1928*, *Journal of Olympic History*, vol. 15, 3, 2007, p. 7.

101 FRANCIS P. MAGOUN, JR., *Scottish Popular Football, 1424–1815*, *The American Historical Review*, vol. 37, 1, 1931, p. 8.

102 WRAY VAMPLEW, *Scottish football before 1914: An economic analysis of a gate-money sport*, *Sport in Society*,

a prova assinalou o carácter irreversível da expansão da modalidade na Grã-Bretanha¹⁰³, que já conhecera experiências anteriores em torneios regionais a eliminar. Destacou-se, nesse domínio, a *Youdan Cup*, que em 1867 reuniu doze clubes da região de Sheffield e se tornou a primeira competição organizada de futebol de associação¹⁰⁴, cuja final foi presenciada por cerca de três mil adeptos e gerou uma receita em torno das 375 libras, muito superior ao valor dos prémios atribuídos¹⁰⁵. Atendendo a que a retribuição diária da generalidade dos trabalhadores de Londres não excedia cinco xelins – um quarto de libra – e que um engenheiro não auferia mais de 110 libras por ano, tal montante constituía um sinal eloquente da relevância económica que a modalidade começava a assumir¹⁰⁶, mesmo antes de se institucionalizar à escala nacional.

Projectada para se disputar anualmente, a *Football Association Challenge Cup* – a *F.A. Cup* – desempenhou um papel decisivo na implementação e expansão do futebol de associação, importante não apenas do ponto de vista desportivo, mas também comercial, numa fase em que a dimensão mercantil começava a aproximar-se do desporto a grande ritmo, sobretudo nas modalidades mais populares¹⁰⁷. Prova disso foi o exponencial crescimento das menções ao futebol nos jornais britânicos, que de algumas dezenas na primeira década do século XIX passaram a centenas de milhar na última¹⁰⁸, muito por força do impacto social e económico associado à nova competição e ao seu calendário mais regular. Foi também o âmbito tendencialmente nacional da *F.A.*

vol. 19, 3, p. 322.

103 JAMES W. BANCROFT, *The Early Years of the FA Cup: How the British Army Helped Establish the World's First Football Tournament*, Barnsley, 2021, p. 26.

104 TONY COLLINS, *How Football Began - A Global History of How the World's Football Codes Were Born*, Nova Iorque, 2019, p. 28.

105 PETER SWAIN; ADRIAN HARVEY, *On Bosworth Field or the Playing Fields of Eton and Rugby? Who Really Invented Modern Football?*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 29, 10, 2012, pp. 1429–1430.

106 DALE H. PORTER, *The Thames embankment: Environment, technology, and society in Victorian London*, Akron, 1998, p. 176.

107 PETER SWAIN; ADRIAN HARVEY, *On Bosworth Field or the Playing Fields of Eton and Rugby? Who Really Invented Modern Football?*, *cit.*, pp. 1425–1426.

108 ROY HAY; ADRIAN HARVEY; MEL SMITH, *Football before codification: the problems of myopia, Soccer & Society*, vol. 16, 2–3, 2015, p. 160.

Cup que contribuiu para uma mudança de perspectiva sobre o jogo, cada vez mais marcada pelo espírito de classe das populações fabris das grandes cidades industriais e cada vez mais afastada das elites londrinas que o tinham instituído¹⁰⁹. Em muitos desses clubes, começavam já a circular rumores sobre jogadores que não praticavam o jogo apenas por puro deleite e diversão, mas também por razões mais prosaicas, relacionadas com o pagamento de certas contrapartidas económicas, ainda que discretas e dificilmente assumidas.

8. A melhoria das condições de vida e o aumento dos tempos livres

Nesses últimos anos do século XIX, as condições de vida das populações mais ligadas ao futebol continuavam a ser marcadas pelos benefícios cumulativos da Revolução Industrial¹¹⁰, que haviam levado os britânicos a afastar-se progressivamente da agricultura e a fazer da Inglaterra a primeira potência mundial na produção têxtil¹¹¹. Em especial, destacavam-se a redução dos tempos de trabalho, a melhoria das condições de vida do operariado fabril e o desenvolvimento dos meios de transporte, com especial relevo para o caminho de ferro, que encurtava distâncias e tornava as deslocações mais frequentes e previsíveis. Foi também a melhoria da situação económica geral que contribuiu para elevar os níveis de alfabetização, com reflexo directo no aumento da circulação de jornais e revistas ligados ao desporto e na expansão da publicidade, que começou a integrar essa órbita. As elites governamentais não ignoravam que uma economia industrial cada vez mais técnica e complexa exigia escolaridade obrigatória, cuja imposição acabou também por produzir um efeito reflexo no crescimento do futebol e no reforço da sua sustentabilidade económica, ao ampliar o público capaz de consumir informação e de participar na vida associativa

109 ERIC J. HOBSBAWM, *Introduction: Inventing Traditions*, em *The Invention of Tradition*, Cambridge, 2013, p. 12.

110 DOUGLAS GARDNER, *History of Football*, cit., p. 30. ADRIAN HARVEY, *Football: The First Hundred Years - The Untold Story*, Londres, 2005, p. 230.

111 SALLY MITCHELL, *Daily Life in Victorian England*, Londres, 2009, pp. 2–3.

O desenvolvimento das políticas sociais inglesas projectou-se ainda noutras questões laborais que acabaram igualmente por influenciar a expansão do desporto. Destacaram-se, nesse domínio e por influência do *Factory Act* de 1850, a instituição do dia de repouso semanal obrigatório e a limitação do horário de trabalho aos Sábados, mudanças que produziram um aumento significativo dos tempos livres das populações trabalhadoras, somando-se aos maiores recursos económicos de que essas mesmas populações já começavam a dispor¹¹². Se, nos primeiros momentos da Revolução Industrial, os operários tiveram de passar a trabalhar ao ritmo das máquinas¹¹³, a partir da segunda metade do século XIX os ganhos de produtividade geraram um efeito oposto¹¹⁴, traduzido no alargamento do tempo disponível e no incremento dos rendimentos, criando uma margem real para o lazer dessas classes trabalhadoras¹¹⁵. Foi sobretudo a combinação desses dois factores – tempo e dinheiro –, associada à maior rapidez de circulação proporcionada pelos novos meios de transporte, que acelerou a procura por actividades recreativas e desportivas, cuja comercialização já alcançava números consideráveis¹¹⁶, em especial no futebol de associação, cada vez mais permeável a uma lógica empresarial.

O acréscimo do tempo disponível das classes trabalhadoras nas tardes de Sábado, por efeito da chamada *semana inglesa*, não tardou a reflectir-se de forma muito significativa no desenvolvimento do desporto e, por inerência, do futebol¹¹⁷. Numa época em que a iluminação eléctrica era ainda muito rudimentar, o que dificultava a realização

112 WRAY VAMPLEW, *Minds, Bodies, and Identities*, em *A Cultural History of Sport in the Age of Industry*, Nova Iorque, 2021, p. 173.

113 PAULO SOUSA PINHEIRO, *O Direito do Trabalho ao Longo da História - Dealbar e Evolução de um Novo Ramo do Direito*, *Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas*, 8, 2006, p. 281.

114 ADRIAN HARVEY, *The Beginnings of a Commercial Sporting Culture in Britain, 1793-1850*, cit., pp. 7-30 (26-27). WRAY VAMPLEW, *Pay Up and Play the Game - Professional Sport in Britain, 1875-1914*, cit., pp. 281-283.

115 GABRIELE MANU; MARCO SCIALANGA, *Football tra storia e leggenda - Dalle origini al calcio moderno*, cit., p. 23. DAVE DAY, *Products, Training, and Technology*, em *A Cultural History of Sport in the Age of Industry*, Nova Iorque, 2021, p. 79.

116 MALCOM MACLEAN, *Conflict and Accommodation*, em *A Cultural History of Sport in the Age of Industry*, Nova Iorque, 2021, p. 127.

117 JAMES WALVIN, *The People's Game: The History of Football Revisited*, Edimburgo, 1994, p. 55.

de jogos nocturnos¹¹⁸, essa simples alteração permitiu aos extractos populacionais mais baixos beneficiar das tardes livres para desfrutar do *saturday-afternoon football*¹¹⁹, e um número crescente de homens trabalhadores passou a jogar ou a assistir aos novos desportos, com destaque para os jogos de futebol¹²⁰. A oposição generalizada das instituições religiosas ao desporto dominical¹²¹, conjugada com a falta de meios técnicos para iluminar jogos a horas tardias, fez com que os principais eventos desportivos se concentrassem nas tardes de Sábado, criando um hábito regular e socialmente consolidado. Não foi necessário aguardar muito tempo para que o futebol se convertesse na principal forma de entretenimento das populações urbanas inglesas, não apenas enquanto prática, mas sobretudo enquanto espectáculo observado por multidões que reconheciam no jogo um ritual colectivo¹²².

Por essa altura, vários clubes haviam já começado a investir na modernização dos seus estádios, erguendo muros e vedações para impedir o acesso gratuito aos terrenos de jogo e para delimitar um espaço susceptível de gerar receitas. A passagem do público pelos portões e pelos torniquetes dificilmente se fazia sem a prévia aquisição do indispensável bilhete¹²³, sinal inequívoco de que o acesso ao espectáculo deixara de ser um simples prolongamento da vida comunitária e passara a integrar um circuito económico¹²⁴. Em face dessa demarcação de

118 NORMAN BARRETT, *The Daily Telegraph Chronicle of Football*, Londres, 2001, p. 9.

119 JAMES RIORDAN, *Amateurism, Sport and the Left: Amateurism for All Versus Amateur Elitism*, *Sport in History*, vol. 26, 3, 2006, p. 472.

120 CHRISTIAN HOLLER; FABIAN BRÄNDLE, *Goal! A Cultural and Social History of Modern Football*, cit., pp. 43–44. WILLIAM J. BAKER, *The Making of a Working-Class Football Culture in Victorian England*, *Journal of Social History*, vol. 13, 2, 1979, p. 242. WRAY VAMPLEW, *Pay Up and Play the Game - Professional Sport in Britain, 1875-1914*, cit., p. 53. JAMES RIORDAN, *Amateurism, Sport and the Left: Amateurism for All Versus Amateur Elitism*, cit., p. 472. RICHARD HOLT, *Sport and the British: A Modern History*, Oxford, 1990, p. 2.

121 MATTHEW TAYLOR, *The Association Game - A History of British Football*, cit., p. 45. JOÃO NUNO COELHO; FRANCISCO PINHEIRO, *A Paixão do Povo - História do futebol em Portugal*, cit., p. 23. JOHN LOWERSON, *Sport and the Victorian sunday: The beginnings of middle-class apostasy*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 1, 2, 1984, p. 204.

122 SUSIE L. STEINBACH, *Understanding the Victorians - Politics, culture and society in nineteenth-century Britain*, Oxford, 2017, p. 99. ARTHUR HOPCRAFT, *The Football Man - People and Passions in Soccer*, cit., pp. 28–29.

123 NEIL WIGGLESWORTH, *The Evolution of English Sport*, Londres, 1996, p. 35.

124 DAVID PROUDLOVE, *When the Circus Leaves Town: What Happens When Football Leaves Home*, Durrington, 2022, p. 14.

espaço, essencial à captação de receitas, tornava-se cada vez mais evidente o fenómeno de comercialização do futebol, que avançava com um ímpeto difícil de travar¹²⁵. A disposição de um número crescente de pessoas para pagar o preço dos bilhetes – o *gate-money* – era, por si só, um indício claro de transformação estrutural, tanto mais que o aumento dos rendimentos disponíveis tornava esse custo suportável, mesmo quando a assistência implicava deslocações mais longas, facilitadas pelo desenvolvimento contínuo dos transportes públicos, com destaque, uma vez mais, para o caminho de ferro.

Essa maior facilidade de deslocação para actividades culturais, recreativas e desportivas levou ao considerável aumento do número de competições locais e regionais, que fomentaram ainda mais a popularização do jogo e consolidaram rivalidades com expressão pública. Concorreram ainda para o incremento do desporto as mudanças impostas pelo *Elementary Education Act* de 1870, que tornou obrigatório o ensino básico e a prática das actividades físicas nas populações mais jovens¹²⁶, as quais, por sua vez, ampliavam o universo dos praticantes e reforçavam, desde cedo, hábitos de participação.

As transformações descritas, no entanto, não bastam para justificar a preferência pelo futebol face a outros desportos. Outras razões podem ser encontradas, entre elas a simplicidade do jogo e a facilidade de o organizar¹²⁷, sendo bastante uma bola mais ou menos redonda e um terreno baldio mais ou menos plano¹²⁸, ou até mesmo uma qualquer rua ou passeio¹²⁹. A modalidade não exigia atributos físicos especiais nem equipamentos dispendiosos, o que a tornava acessível a praticamente todos, em particular aos extractos assalariados¹³⁰.

125 DION GEORGIU; BENJAMIN LITHERLAND, *Introduction: Sport's Relationship with Other Leisure Industries – Historical Perspectives*, em *Sports Relationship with Other Leisure Industries*, Oxford, 2017, p. 19.

126 HAMAD S. NDEE, *Physical Education in State and Private Schools in Britain in the Late-Nineteenth and Early-Twentieth Centuries: Elementary Schools and Other Schools*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 27, 5, 2010, p. 873.

127 CHARLES WILLIAM ALCOCK, *Football our Winter Game*, cit., p. 90.

128 MICKAËL CORREIA, *Une histoire populaire du football*, cit., p. 7.

129 RICARDO SERRADO, *Futebol - A magia para além do jogo*, Lisboa, 2011, p. 21, n. 2. TONY MASON, *Association Football and English Society 1863-1915*, Londres, 1980, p. 1. JORGE VALDANO, *Fútbol: El juego infinito. El nuevo fútbol como símbolo de la globalización*, Barcelona, 2016, p. 7. JOHAN CRUYFF, *Me gusta el fútbol*, Madrid, 2002, p. 10.

130 MONTAGUE SHEARMAN, *Athletics and Football*, cit., p. 358. SAMUEL FRALICK, *Soccer*, Nova Iorque, 1945, p. 5. BOBBY

Concorreu também para explicar a sua popularidade a circunstância de fácil de entender pelos espectadores, pela simplicidade das suas regras, e bem menos violento que o rãguebi, pela proibição dos contactos físicos mais severos¹³¹. Foi a conjugação desses factores que fez com que o futebol rapidamente se transformasse no desporto preferido dos assalariados britânicos, sobretudo nas regiões do norte de Inglaterra e nos territórios escoceses, onde o futebol também se estava a impor de forma intensa.

9. O caminho do profissionalismo

Como se viu, foi com inteira naturalidade que a melhoria das condições de vida e a maior disponibilidade de tempo dos britânicos, registadas durante a segunda metade do século XIX, se repercutiram no aumento das assistências aos jogos de futebol, que também se realizavam a um ritmo crescente e com uma visibilidade social cada vez mais difícil de ignorar. Esse cenário foi ainda mais visível nas *cotton towns* do noroeste inglês, onde a modalidade se transformara já no desporto preferido do operariado industrial, acompanhando o pulsar das comunidades fabris e a sua cultura de lazer¹³². As regiões do algodão estavam na origem de importantes mudanças na organização, comercialização e popularização do desporto do ponto de vista dos próprios espectadores, cada vez mais fascinados com o novo jogo e com a intensidade que ele lhes devolvia¹³³. Apesar disso, e com excepção dos encontros integrados no calendário da *F.A. Cup*, a maioria das partidas continuava a disputar-se numa lógica essencialmente local e aleatória¹³⁴, quase sempre em jogos amigáveis e sem uma regularidade pré-definida que garantisse estabilidade ao espectáculo e às receitas que dele começavam a depender.

CHARLTON, *Foreword*, em *The Rules of Association Football*, Oxford, 2006, p. 7.

131 P. GARCET DE VAURESMT; J. GARCET DE VAURESMT, *Les Sports athlétiques*, Paris, 1918, p. 45.

132 JOHN K. WALTON, *The Origins of Working-Class Spectator Sport: Lancashire, England, 1870-1914*, *Historia y Comunicación Social*, 17, 2012, p. 135. J. K. FLETCHER, *Professionalism in Football - How Lancashire Forced its Legalisation*, em *History of The Lancashire Football Association 1878-1928*, Blackburn, 1928, p. 147.

133 McKIBBIN ROSS, *Classes and Cultures: England 1918-1951*, Oxford, 2000, p. 340.

134 GEOFFREY GREEN, *The History Of The Football Association*, Londres, 1953, p. 48.

Como forma de alterar essa dispersão e reduzir as diferenças ainda subsistentes, as quatro associações de clubes já constituídas na Grã-Bretanha – a *Football Association*, a *Scottish Football Association*, a *Irish Football Association* e a *Football Association of Wales* – decidiram unir-se e fundar a *International Football Association Board*. O propósito era sanar divergências ao nível das regras adoptadas por cada uma delas¹³⁵ e concentrar a gestão das *Laws of the Game* unificadas nesse novo organismo, incumbido de assegurar a sua aplicação em todo o território britânico e de as actualizar em consonância com a evolução da modalidade, sem colocar em causa a unidade normativa recém-conquistada. Em 1883, ainda antes da instituição formal da nova entidade¹³⁶, as quatro associações haviam já acordado a realização do *British Home Championship*, competição anual entre as respectivas selecções nacionais, que granjeou amplo sucesso¹³⁷ e se destacou por constituir a primeira prova desse género com carácter regular e reconhecido¹³⁸.

Em termos mais estruturais, os propósitos que conduziram à criação da *International Football Association Board* eram uniformizar as regras do jogo, fazer depender qualquer alteração futura do acordo unânime das quatro associações, e centralizar a sua coordenação num único órgão. Num plano mais mediato, tais medidas visavam facilitar a realização de jogos entre clubes pertencentes às quatro associações fundadoras e acelerar a expansão da modalidade para outros países, aproveitando a linguagem universal proporcionada pela existência de regras comuns e suficientemente estáveis¹³⁹. Paralelamente, procurava-se também criar condições para uma regulação mais rigorosa dos processos de contratação e de transferência de jogadores, vertentes cuja importância crescia em ritmo galopante¹⁴⁰, acompanhando a pro-

135 R. W. PICKFORD, *The Psychology of the History and Organization of Association Football*, cit., pp. 88-90 (88-89).

136 WILLY MEISL, *Soccer Revolution: Great Britain taught the world how to play and enjoy Association football - later to be taught many a hard lesson by former pupils*, cit., p. 15.

137 ANDREW WARD; JOHN WILLIAMS, *Football Nation - Sixty Years of the Beautiful Game*, Londres, 2009, p. 8. GRAHAM MORSE, *Sir Walter Winterbottom: The Father of Modern English Football*, cit., p. 36.

138 LUCIANO WERNICKE, *Why Is Soccer Played Eleven Against Eleven?*, Maidenhead, 2018, pp. 68-69.

139 PIERRE LANFRANCHI; MATTHEW TAYLOR, *Moving with the Ball - The Migration of Professional Footballers*, Oxford, 2001, p. 2.

140 H. F. MOORHOUSE, *Scotland against England: football and popular culture*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 4, 2, 1987, p. 190.

gressiva mercantilização do espectáculo. Foram esses os objectivos essenciais – estabilidade normativa, coordenação institucional e enquadramento de práticas emergentes – que as associações britânicas lograram alcançar com a instituição da *International Football Association Board*, órgão que passou a controlar as *Laws of the Game* e cuja criação encerrou o intrincado problema das regras que, décadas antes, se havia iniciado nas principais escolas públicas inglesas¹⁴¹.

10. A rejeição formal

A popularidade das competições em jogos a eliminar – o modelo de taça –, consolidada a partir de meados da década de 1870 com a *F.A. Cup*, intensificou a rivalidade entre clubes e o desejo de vencer, típico do desporto de competição¹⁴². Mesmo que, para isso, tivessem de recorrer a uma prática até então desconhecida, de recrutarem jogadores provenientes de outras regiões, sempre que os locais não revelassem a qualidade pretendida. Os dirigentes dos clubes depressa perceberam que o sucesso desportivo passava em larga medida pela captação dos melhores jogadores, o que implicava maior generosidade no pagamento de certas despesas. Compreenderam igualmente que melhores resultados fomentariam o entusiasmo dos adeptos e, com ele, a venda de bilhetes, cujas receitas permitiriam recrutar atletas de qualidade superior, numa espiral de crescimento com contornos económicos bem definidos e que se acentuaria com a replicação do modelo¹⁴³.

Essa corrida aos melhores jogadores, sentida com maior intensidade a partir da segunda metade da década de 1870 com o sucesso da *F.A. Cup*¹⁴⁴, acelerou a discussão em torno do profissionalismo, que já

141 LINCOLN ALLISON, *Association Football and the Urban Ethos*, *Stanford Journal of International Studies*, vol. 13, 1978, p. 205.

142 JOANA ARAÚJO, *Solidariedade*, em *Breve Tratado das Virtudes Desportivas*, Lisboa, 2021, p. 177. ANTÓNIO CAMILO, *A competição, o desporto e a ética: Dialéticas, limites e possibilidades*, em *A Ética na Busca dos Limites Humanos no Desporto*, Porto, 2024, p. 43.

143 DOMINIC MALCOLM, *Football business and football communities in the twenty-first century*, *Soccer & Society*, vol. 1, 3, 2000, p. 108.

144 JAMES A. H. CATTON, *The Story of Association Football*, Cleethorpes, 2006, p. 66.

tinha chegado ao futebol, ainda que de modo dissimulado¹⁴⁵. Saindo dos círculos elitistas das escolas públicas e alargando-se aos extractos sociais menos abonados, as receitas de bilheteira começaram a traduzir-se em pagamentos aos melhores jogadores, sob a forma de reembolso de despesas, compensação de salários perdidos – correspondentes aos rendimentos que deixavam de auferir por faltarem ao trabalho para treinar ou jogar – ou colocação em empregos leves em fábricas e empresas locais¹⁴⁶. Tornava-se cada vez mais ténue a linha que separava os que eram pagos por trabalhos fáceis e com horários compatíveis com a prática do futebol, e aqueles que eram simplesmente pagos para jogar futebol¹⁴⁷.

O enorme interesse que o jogo já despertava, sobretudo entre as populações fabris do norte de Inglaterra e da Escócia, e o papel do futebol no reforço do orgulho local, impulsionaram novos investimentos por parte dos clubes, tanto na melhoria dos estádios e no aumento de lugares, como no recrutamento de jogadores. Multiplicavam-se as notícias sobre atletas pagos, não apenas pelos clubes, mas também pelos próprios adeptos¹⁴⁸, com especial incidência naquelas regiões mais industrializadas¹⁴⁹. que viam na vitória uma extensão da rivalidade social e territorial. Era a chegada do chamado *boot money* e do *shamateurism* – expressão obtida pela junção de duas palavras da língua inglesa: *shame* e *amateur* – que revelava o carácter censurável da situação¹⁵⁰, muitas vezes alimentada pelos adeptos e pelo seu irreprimível desejo de vencer, mesmo quando as regras o proibiam¹⁵¹.

145 CHRISTIAN HOLLER; FABIAN BRÄNDLE, *Goal! A Cultural and Social History of Modern Football*, cit., p. 71.

146 DEREK BIRLEY, *Sport and the making of Britain*, Manchester, 1993, pp. 271–272.

147 TONY MASON, *Association Football and English Society 1863-1915*, cit., p. 70. WRAY VAMPLEW, *Pay Up and Play the Game - Professional Sport in Britain, 1875-1914*, cit., p. 7. MATTHEW LYNN McDOWELL, *A cultural history of Association Football in Scotland, 1865-1902*, Nova Iorque, 2013, pp. 189–190.

148 ROGAN TAYLOR, *Walking alone together: football supporters and their relationship with the game*, em *British Football and Social Change: Getting into Europe*, Leicester, 1991, pp. 113–114.

149 DAVID McARDLE, *From Boot Money to Bosman: Football, Society and the Law*, Londres, 2000, p. 17. SIMON BOYES, *Eastham v Newcastle United FC Ltd [1964] Ch 413*, em *Leading Cases in Sports Law*, Haia, 2013, p. 78. RICHARD HOLT, *La tradition ouvrière du football anglais, Actes de la recherche en sciences sociales*, 103, 1994, p. 38.

150 PAUL DIETSCHY, *Histoire du football*, cit., p. 63. BILL MURRAY, *Football: A History of the World Game*, cit., p. 27. JEAN BOBET, *Justificações e limites do desporto profissional*, *Cultura e Desporto*, 27, 1975, p. 17.

151 ARNOLD BENNETT, *The Card - A Story of Adventure in the Five Towns*, Londres, 1911, p. 85.

No futebol, muitos amadores acabavam por só o ser do ponto de vista formal. A dinâmica instaurada tornara-se imparável e deu lugar a uma modalidade cindida em dois hemisférios: um, tradicional, ligado às classes sociais mais elevadas e às elites do sul, fervorosas defensoras do puro amadorismo¹⁵²; outro, bem mais recente, associado ao operariado das regiões industriais do Norte, que tolerava e, não raras vezes, incentivava esses pagamentos clandestinos como forma de proteger os investimentos na modernização dos estádios e evitar perdas desportivas¹⁵³. Sendo tais práticas expressamente vedadas pelos regulamentos da *Football Association*, era natural que se ocultassem, dificultando a determinação do momento exacto em que começaram os primeiros pagamentos¹⁵⁴, ainda que se possa situar esse início em torno de 1876¹⁵⁵, com a crescente chegada de trabalhadores escoceses contratados pelas principais empresas fabris¹⁵⁶. Não era por acaso que muitos desses escoceses quase nunca fossem vistos nos seus locais de trabalho¹⁵⁷, e que todos fossem particularmente talentosos no futebol, sendo rapidamente integrados nos clubes de maior expressão, frequentemente com o apoio directo ou indirecto de empresários locais¹⁵⁸. A expansão da modalidade na Escócia ocorrera mais cedo¹⁵⁹, e era frequente os *scotch professors* exibirem técnicas de passe mais desenvolvidas¹⁶⁰, tornando o jogo mais dinâmico e atractivo e, por isso, muito apetecível para os clubes ingleses¹⁶¹. A situação tornou-se muito

152 MARVIN CLOSE, 1923: *Life in Football One Hundred Years Ago*, Durrington, 2022, p. 155.

153 SANTIAGO SEGUROLA, *Prólogo*, em *Fútbol y pasiones políticas*, Madrid, 1999, p. 9.

154 DAVE RUSSELL, *Football and the English: A Social History of Association Football in England, 1863-1995*, Lancaster, 1997, pp. 22–23.

155 TONY MASON, *Association Football and English Society 1863-1915*, cit., p. 69.

156 PAUL BROWN, *The Victorian Football Miscellany*, cit., p. 116. NORMAN GILLER, *McFootball: The Scottish heroes of the English game*, Londres, 2003, pp. 3-11 (3).

157 NORMAN GILLER, *Football and all That: An Irreverent History*, Londres, 2005, pp. 25–26.

158 PAUL GARDNER, *The Simplest Game: The Intelligent Fan's Guide to the World of Soccer*, Nova Iorque, 1996, p. 10.

159 MATTHEW LYNN McDOWELL, *A cultural history of Association Football in Scotland, 1865-1902*, cit., pp. 121–146.

WRAY VAMPLEW, *The Economics of a Sports Industry: Scottish Gate-Money Football, 1890-1914*, *The Economic History Review*, vol. 35, 4, 1982, pp. 549–567.

160 RODDY FORSYTH, *The Only Game: The Scots and World Football*, Edimburgo, 1990, p. 19. PAUL BROWN, *The Victorian Football Miscellany*, cit., pp. 114–115.

161 MARTIN TYLER, *The Story of Football*, Londres, 1976, p. 33. RODDY FORSYTH, *The Only Game: The Scots and World Football*, cit., p. 15.

evidente nos clubes do Norte, onde já quase não existia um sem atletas escoceses¹⁶².

Concorria para esse êxodo o facto de os pagamentos também serem proibidos pela *Scottish Football Association* e de a situação financeira dos clubes escoceses ser, na generalidade, mais precária que a dos ingleses¹⁶³, dificultando a retenção dos melhores atletas. Na ausência de contrapartidas económicas, seria difícil explicar a súbita atracção dos jogadores escoceses por tais tendências migratórias¹⁶⁴, bem como o aparecimento de empregos leves com absentismo tolerado e sem sanções por parte das empresas. Esta realidade reforçou a discussão sobre o profissionalismo, cuja rejeição se ancorava na defesa do desportivismo amador. Para as classes fundadoras do futebol de associação, pagar jogadores era inadmissível, por entenderem que a essência do jogo seria inevitavelmente corrompida por interesses materiais considerados indignos.

Defensores das tradições herdadas das escolas públicas, essas elites viam o desporto como fonte de ética e moral, instrumento de construção do carácter, do altruísmo e do *fair play*, e não admitiam associá-lo a questões económicas fúteis, que desfigurariam a sua função educativa¹⁶⁵. A repulsa abrangia tanto o pagamento directo aos jogadores como os negócios de transferências, tidos como propícios à corrupção e à secundarização do prazer de jogar face ao resultado, que passava a ser encarado como fim e não como mera consequência. Acrescia ainda o receio de o jogo ser progressivamente invadido pelas classes mais

162 TONY COLLINS, *How Football Began - A Global History of How the World's Football Codes Were Born*, cit., p. 53.

NORMAN GILLER, *McFootball: The Scottish heroes of the English game*, cit., p. xi. JOHN K. V. EUNSON, *Sporting Scots. How Scotland Brought Sport to the World (and the World Wouldn't Let Us Win!)*, Edimburgo, 2012, p. 64. BOB CRAMPSEY, *The Scottish Football League: The First 100 Years*, Glasgow, 1990, p. 6.

163 PIERRE LANFRANCHI; MATTHEW TAYLOR, *Moving with the Ball - The Migration of Professional Footballers*, cit., p. 41.

PAUL GARDNER, *The Simplest Game: The Intelligent Fan's Guide to the World of Soccer*, cit., p. 10.

164 J. K. FLETCHER, *Professionalism in Football - How Lancashire Forced its Legalisation*, cit., p. 147. LUIZ FELIPE DE OLIVEIRA; WAGNER XAVIER DE CAMARGO, *Béla Guttmán e o futebol no século XX, Recorde: Revista de História do Esporte*, vol. 10, 2, 2017, p. 5.

165 DUARTE ARAÚJO, *Fair-play*, em *Breve Tratado das Virtudes Desportivas*, Lisboa, 2021, p. 77. ANDREW RIDDODCH; JOHN KEMP, *When the Whistle Blows: The Story of the Footballers' Battalion in the Great War*, cit., p. 2. MARIANNE LASSUS, *L'affaire Ladoumègue. Le débat amateurisme / professionnalisme dans les années trente*, Paris, 2000, p. 19.

desfavorecidas, que movidas por carências económicas, tenderiam a realimentar o sistema remunerado e a torná-lo cada vez mais vicioso, com efeitos impossíveis de conter uma vez instala a lógica do ganho¹⁶⁶.

As lideranças da *Football Association* temiam que a modalidade, convertida em profissão, deixasse de ser fonte de simples prazer lúdico e recreativo e se tornasse mais perigosa, por levar os jogadores a assumir riscos físicos acrescidos para garantirem vitórias e preservarem o seu sustento¹⁶⁷. Recordava-se que a contenção da violência fora um dos motivos da autonomização do futebol face ao rãguebi¹⁶⁸ e receava-se que a pressão económica reacendesse, por outras vias, uma agressividade que se pretendia afastar. Temia-se igualmente o risco de corrupção, na medida em que se se pagava para ganhar, também se poderia pagar para perder, comprometendo a integridade do espectáculo e a confiança do público¹⁶⁹. Do ponto de vista desportivo, temia-se ainda que o profissionalismo concentrasse os melhores jogadores nos clubes mais ricos, gerando desequilíbrio competitivo, perda de incerteza quanto ao resultado e, em último termo, progressivo desinteresse do público, com risco de quebra de receitas, fragilização do próprio sistema e falência da modalidade¹⁷⁰. Era fundamental salvaguardar-se o equilíbrio competitivo¹⁷¹, o que exigia evitar a concentração dos melhores atletas nos clubes capazes de oferecer salários superiores¹⁷², objectivo que só seria acautelado com a total proibição do profissionalismo.

166 ROBERT W. LEWIS, «*Touched Pitch and Been Shockingly Defiled*»: *Football, Class, Social Darwinism and Decadence in England, 1880-1914*, cit., pp. 117–118.

167 G. ROWLAND HILL, *Progress of the Rugby Football Union From Season 1880-81 to the Present Time*, em *The Rugby Game*, Londres, 1892, p. 106.

168 NEIL TRANTER, *Sport, Economy and Society in Britain 1750-1914 (New Studies in Economic and Social History)*, Cambridge, 1998, p. 48.

169 RICHARD SANDERS, *Beastly Fury - The Strange Birth of British Football*, cit., p. 119.

170 STEFAN KÉSENNE, *Competitive Balance and Revenue Sharing: When Rich Clubs Have Poor Teams*, *Journal of Sports Economics*, vol. 5, 2, 2004, p. 206.

171 ANDREW ZIMBALIST, *Competitive Balance in Sports Leagues*, *Journal of Sports Economics*, vol. 3, 2, 2002, p.

111. BRIAN P. SOEBBING, *Competitive Balance and Attendance in the Sports Industry*, em *The Business of Sports: Economic Perspectives on Sport*, Westport, 2008, p. 51.

172 JEROEN RUIJG; HANS VAN OPHEM, *Determinants of football transfers*, *Applied Economics Letters*, vol. 22, 1, 2015, p. 12.

Apesar da força desses argumentos, era claro que o conflito escondia preconceitos de classe que raramente eram assumidos de modo frontal¹⁷³. O futebol tornara-se demasiado séria para continuar a ser desvalorizado como mera distração¹⁷⁴, e os valores económicos em causa – bilheteira, alimentos e bebidas, publicidade e apostas – eram cada vez menos compatíveis com a ideia de uma prática puramente amadora e desinteressada. Os clubes, sobretudo no norte industrial, eram pressionados pelos adeptos para evitar o êxodo dos melhores jogadores, o que só os pagamentos, ainda que disfarçados, poderiam assegurar com alguma eficácia¹⁷⁵. Neste cenário, era apenas uma questão de tempo até que a pressão sobre o desempenho dos atletas conduzisse a numa profissionalização inevitável¹⁷⁶. Ainda que esse passo pudesse implicar a cisão da modalidade, a verdade é que só assim seria possível impor aos jogadores rotinas de treino e preparação compatíveis com a imparável vontade de ganhar. Uma vontade que não partia apenas dos dirigentes e dos atletas, mas também, e muitas vezes sobretudo, dos adeptos¹⁷⁷, numa altura em que se tornava cada vez mais nítida a separação entre os que poderiam ser pagos para jogar e os que teriam de pagar para assistir¹⁷⁸.

Concorria igualmente para esse desfecho a comercialização do próprio jogo, cujas receitas já poderiam sustentar uma prática que não fosse integralmente amadora. Era, aliás, indiscutível que a vertente

173 JOHN HARDING, *For the good of the game: The official history of the Professional Footballers' Association*, Londres, 1991, p. 3.

174 JOÃO CARLOS CHAVES GOUVEIA, *Breves considerações sobre o denominado «jogo da mala» no desporto - Análise das consequências penais*, *Revista de Direito do Desporto*, 17, 2024, p. 59^{container-title": "Revista de Direito do Desporto", "issue": "17", "note": "number: 4", "page": "59-69", "title": "Breves considerações sobre o denominado 'jogo da mala' no desporto - Análise das consequências penais", "author": "[[\"literal\": \"João Carlos Chaves Gouveia\"]], \"issued\": {\"date-parts\": [[\"2024\"]]], \"locator\": \"59\", \"label\": \"page\"}], \"schema\": \"https://github.com/citation-style-language/schema/raw/master/csl-citation.json\"}}.

175 TONY COLLINS, *The Ambiguities of Amateurism: English Rugby Union in the Edwardian Era*, *The Sports Historian*, vol. 26, 3, 2006, p. 388. STEFAN SZYMANSKI, *Playbooks and Checkbooks - An Introduction to the Economics of Modern Sports*, Oxford, 2009, p. 20.

176 BRYON BUTLER, *The Official History of the Football Association*, Londres, 1991, p. 27.

177 NICOLAS HOURCADE, *La place des supporters dans le monde du football, Pouvoirs - Le football*, vol. 2, 101, 2002, p. 75.

178 DUARTE ARAÚJO, *Fair-play*, cit., p. 80. PIERRE LANFRANCHI, *Autoportrait des footballeurs de metier*, *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, vol. 5, 4, 1992, p. 95.

competitiva do futebol e os efeitos económicos que gerava deixavam de ser compatíveis com os ideais puramente amadores tradicionalmente associados ao desporto¹⁷⁹. Ainda que em termos informais e ocultos, a profissionalização já se encontrava instalada e correspondia a uma situação dificilmente reversível¹⁸⁰.

11. As evidências

Apesar de os pagamentos encobertos aos principais jogadores constituírem uma realidade que só os mais distraídos podiam ignorar¹⁸¹, as equipas vencedoras da *F.A. Cup* – que continuava a ser a principal competição inglesa – mantinham-se exclusivamente compostas por jogadores totalmente amadores e integrados no paradigma que a pretendia preservar. Para acautelar essa situação e responder ao número cada vez mais crescente de rumores e queixas relacionados com a proliferação do profissionalismo disfarçado nos clubes mais ao norte, a *Football Association* introduziu em 1882 a célebre *Rule 16*, destinada a interditar quaisquer pagamentos com contornos retributivos. Nos seus termos, todo o jogador que auferisse uma compensação superior ao valor das suas despesas reais e dos salários efectivamente perdidos ficaria proibido de participar em todas as competições organizadas pela *Football Association*, e o clube que o tivesse contratado seria, por sua vez, excluído da própria associação¹⁸². A verdade, ainda assim, é que mesmo esse arsenal sancionatório se mostrou insuficiente para travar uma tendência já instalada e alimentada por incentivos económicos crescentes, que escapavam ao mero comando regulamentar.

179 DAVE RUSSELL, *From Evil to Expedient: The Legalization of Professionalism in English Football, 1884–85*, em *Myths and Milestones in the History of Sport*, Nova Iorque, 2011, p. 33.

180 TREVOR TAYLOR, *Sport and International Relations: A Case of Mutual Neglect*, em *The Politics of Sport*, Manchester, 1986, p. 32.

181 CHARLES WILLIAM ALCOCK, *The Football Annual 1879*, Londres, 1880, pp. 9–10.

182 GRAHAM CURRY; ERIC DUNNING, *The emergence of the Football Association*, em *Association Football - A study in figurational sociology*, Oxford, 2015, pp. 150–151. CHRISTIANE EISENBERG; SONIA MOREL, *Histoire du football professionnel en Allemagne*, *Les Cahiers de l'INSEP*, 25, 1999, p. 163. GEOFFREY GREEN, *The History Of The Football Association*, cit., p. 97.

Tanto assim, que o cenário de domínio das equipas amadoras na *F.A. Cup* acabou por sofrer um abalo decisivo com a vitória do *Blackburn Olympic Football Club*, maioritariamente composto por pretensos operários fabris pagos das formas disfarçadas já referidas. Na final de 31 de Março de 1883, a competição foi ganha por uma equipa formalmente composta por quatro operários têxteis, três operários metalúrgicos, um canalizador e um empregado de bar, complementados por um dentista e um trabalhador administrativo¹⁸³. Tornava-se ainda mais visível a enorme discrepância técnica e física entre os *players* – jogadores de futebol a tempo inteiro, provenientes dos extractos sociais mais baixos, que viam a modalidade como profissão¹⁸⁴ – e os *gentlemen* – representantes das elites que continuavam a encarar o jogo como puro deleite, recreação e entretenimento¹⁸⁵.

O simbolismo do sucesso obtido pelos pretensos operários do *Blackburn Olympic Football Club* não se limitou ao resultado desportivo, tendo também funcionado como um sinal de mudança no sentido da proletarização da modalidade¹⁸⁶, que acelerou a transformação do debate público e institucional em torno do profissionalismo. As maiores capacidades técnicas, táticas e físicas dos *players* revelara-se igualmente na melhoria da qualidade das partidas, que passaram a ser mais intensas, mais competitivas e, por isso, mais emocionantes para o público. Num efeito de espiral virtuosa, a elevação do nível do jogo ampliou ainda mais a popularidade do futebol junto do público, que passou a ocupar a principal fatia das tardes livres de Sábado de um crescente número de espectadores. A tendência traduziu-se num rápido acrés-

183 JAMES WALVIN, *The People's Game: The History of Football Revisited*, cit., pp. 73–74. RICHARD SANDERS, *Beastly Fury - The Strange Birth of British Football*, cit., pp. 85-105 (105). JIM MURPHY, *The 10 Football Matches That Changed the World... and the One That Didn't*, Londres, 2014, pp. 11-32 (11).

184 JOHAN HUIZINGA, *Homo Ludens - A study of the play-element in culture*, Londres, 1980, p. 197.

185 NICOLAS DAMONT; MARC FALCOZ, *Questionner la frontière floue entre amateur et professionnel. Les apories de la frontière entre amateur et professionnel, Marché et Organisations*, vol. 3, 27, 2016, p. 83. ALFRED GIGSON; WILLIAM PICKFORD, *The Association Cup - A Record of the Great Classic Contest*, em *Association Football and the Men Who Made It*, vol. 4, Londres, 1906, p. 41.

186 JEREMY MACCLANCY, *Nationalism at Play: The Basques of Vizcaya and Athletic Bilbao*, em *Sport, Identity and Ethnicity*, Herndon, 1996, p. 187. ERIC J. HOBBSBAWM, *Mass-Production Traditions: Europe, 1870-1914*, em *The Invention of Tradition*, Cambridge, 2013, p. 289.

cimo das receitas provenientes da venda de bilhetes¹⁸⁷ e do comércio de comidas e bebidas, bem como de outras actividades complementares, incluindo jogos de azar¹⁸⁸ e a circulação de jornais e revistas, e não apenas as de âmbito desportivo¹⁸⁹. Neste enquadramento, a discussão sobre a aceitação do profissionalismo no desporto que mais adeptos angariava, deixou de ser uma questão periférica, e no final da década de 1880 chegou mesmo a converter-se num dos temas de maior relevo na Inglaterra, já não apenas no plano moral, mas também no plano organizativo e económico.

Estava em causa, ao mesmo tempo, o progressivo abandono de um dos pilares simbólicos do desporto moderno e a introdução do elemento de que o futebol parecia necessitar para continuar a desenvolver-se sem colapsar sob o peso das novas expectativas¹⁹⁰. A questão dos jogadores pagos era, por isso, o tema que mais preocupava os principais órgãos de governo do desporto inglês, com a *Football Association* à cabeça¹⁹¹, por colocar em choque directo a prática emergente com o código moral em que a modalidade fora inicialmente enquadrada.

É nesse sentido que as referências mais marcantes ao amadorismo remetem para a época vitoriana, por ter sido nessa altura que a expressão se consolidou como marca social dos aristocratas e das elites inglesas que jogavam por puro prazer e amor ao jogo, não tanto pelos êxitos desportivos¹⁹² e muito menos por recompensas económicas ou outros proveitos materiais associados à vitória¹⁹³. Na perspectiva destes

187 STEVEN TISCHLER, *Footballers and Businessmen: The Origins of Professional Soccer in England*, Londres, 1981, p. 40.

188 JAMES WALVIN, *The People's Game: The History of Football Revisited*, cit., p. 87. STEPHEN G. JONES, *The economic aspects of association football in England, 1918–39*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 1, 3, 1984, p. 286.

189 FRANCISCO PINHEIRO, *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, Porto, 2010, p. 22.

190 NORONHA FEIO, *Desporto e Política (Ensaio para a sua compreensão)*, Torres Vedras, 1979, p. 108.

191 PAUL GREENHALGH, 'The work and play principle': the professional regulations of the northern rugby football union, 1898–1905, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 9, 3, 1992, p. 356.

192 DUARTE ARAÚJO, *Fair-play*, cit., pp. 79–80. RICHARD HOLT, *Amateurism and its interpretation: The social origins of british sport*, *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, vol. 5, 4, 1992, p. 20. RICHARD HOLT; TONY MASON, *Sport in Britain 1945–2000*, Oxford, 2000, p. 36.

193 NORMAN BAKER, *Whose Hegemony? The Origins of the Amateur Ethos in Nineteenth Century English Society*, *The Sports Historian*, vol. 24, 1, 2004, p. 1.

atletas, o desporto deveria beneficiar principalmente os participantes e não os espectadores, cujos interesses teriam sempre de ser colocados num plano secundário. Daí que o diletantismo britânico se definisse, antes de mais, pela repressão de quaisquer formas de monetarização ligadas às práticas desportivas, impondo aos jogadores uma atitude orientada para a competição sã e leal, e não para a maximização de proveitos materiais. Em coerência com esse entendimento, ainda que participassem nos jogos com vigor e intensidade, não era típico destes atletas amadores levá-los demasiado a sério, preferindo conter a competitividade natural em benefício do cavalheirismo, da lealdade e do *fair play*¹⁹⁴. Os amadores eram, acima de tudo, cavalheiros, e nenhum cavalheiro digno desse nome deveria empenhar-se de forma excessiva para vencer um simples jogo¹⁹⁵.

O amadorismo britânico tinha, em larga medida, um recorte aristocrático e exprimia-se com particular nitidez em modalidades individuais como o atletismo, o ciclismo e o remo, onde a pureza do confronto era apresentada como um valor supremo¹⁹⁶. Para além de afastarem os que competissem por dinheiro, muitas dessas regras chegavam igualmente a vedar a participação de atletas cuja profissão se ligasse ao trabalho manual¹⁹⁷. Tal sucedia por via das *mechanics clauses*, que ao associarem a condição profissional do praticante a uma presunção de vantagem física indevida, conduziam à desclassificação dos trabalhadores braçais e à sua exclusão preventiva da competição¹⁹⁸. A ideia era evitar que tais trabalhadores retirassem vantagens das suas capacidades físicas superiores, decorrentes da profissão e não da prática desportiva¹⁹⁹, num critério que, sob a aparência de neutralidade, se reve-

194 WRAY VAMPLEW, *Pay Up and Play the Game - Professional Sport in Britain, 1875-1914*, cit., p. 1.

195 RICHARD HOLT, *Sport and the British: A Modern History*, cit., pp. 99–100.

196 PETER BAILEY, *Leisure and Class in Victorian England: Rational Recreation and the Contest for Control 1830-1885*, Londres, 1978, p. 131.

197 HENRY FAZAKERLEY WILKINSON, *Modern Athletics*, Londres, 1868, p. 16.

198 ALAN MARZILLI, *Amateur Athletics*, Filadélfia, 2004, p. 14. ERIC HALLADAY, *Of pride and prejudice: the amateur question in english nineteenth-century rowing*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 4, 1, 1987, p. 45. NEIL WIGGLESWORTH, *A history of rowing in the north-west of England*, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 3, 4, 1986, p. 152.

199 PETER BAILEY, *Leisure and Class in Victorian England: Rational Recreation and the Contest for Control 1830-1885*, cit., p. 131. ROBERTA J. PARK; MIKE HUGGINS, *Inclusion, Exclusion, and Segregation*, em *A Cultural History of*

lava altamente questionável e claramente discriminatório para com os extractos sociais mais baixos²⁰⁰.

Deste modo, o amadorismo no desporto britânico pode ser entendido como produto das transformações sociais, económicas e políticas da época victoriana, e também como expressão de uma determinada hierarquia social que procurava preservar-se no plano das práticas recreativas. A sua disseminação pelas colónias resultou, sobretudo, da acção das escolas públicas, da expansão das actividades comerciais e industriais e da presença das forças militares, que transportavam consigo hábitos, códigos e passatempos ingleses²⁰¹. Muitos países começaram a assimilar essas práticas, o que se revelou essencial à difusão dos novos jogos com bola, em especial do futebol, cuja simplicidade o tornava particularmente apto a enraizar-se em contextos muito diversos²⁰². Apesar de assentar no seu poderio comercial, económico e político, o Império foi também sustentado por uma matriz cultural de forte capacidade difusora na qual o desporto assumiu lugar relevante, criando um terreno particularmente fértil para que o futebol, pela sua simplicidade e aptidão para a prática colectiva, se afirmasse e se disseminasse com rapidez muito para além do espaço britânico²⁰³.

12. O reconhecimento formal

No confronto entre amadorismo e profissionalismo no futebol inglês da segunda metade da década de 1880, a verdade é que essas duas realidades já coexistiam noutras modalidades há várias décadas,

Sport in the Age of Industry, Nova Iorque, 2021, p. 149.

200 STEPHEN WAGG, 'Base Mechanic Arms'? *British Rowing, Some Ducks and the Shifting Politics of Amateurism*, *Sport in History*, vol. 26, 3, 2006, pp. 520-528 (525).

201 CARL BRIDGE; KENT FEDOROWICH, *Mapping the British world*, *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 31, 2, 2003, p. 3. PHILLIP BUCKNER; R. DOUGLAS FRANCIS, *Introduction*, em *Canada and the British World*, Vancouver, 2006, p. 6.

202 DAVID TURNER, *The Old Boys: The Decline and Rise of the Public School*, Llandysul, 2015, p. 103.

203 PETER A. HORTON, 'Padang or paddock': a comparative view of colonial sport in two imperial territories, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 14, 1, 1997, p. 1. ANTHONY KIRK-GREENE, *Badge of Office: Sport and His Excellency in the British Empire*, em *The Cultural Bond: Sport, Empire Society*, Nova Iorque, 2011, p. 178. KATHARINE MOORE, 'The warmth of comradeship': the first British empire games and imperial solidarity, *The International Journal of the History of Sport*, vol. 6, 2, 1989, p. 242.

sem que tal gerasse idêntica crispação institucional²⁰⁴. Pelo menos desde a primeira metade do século XIX que o pugilismo, o críquete e as corridas de cavalos conviviam, com relativa normalidade, com a figura do atleta pago, num quadro em que o carácter comercial do espectáculo era assumido sem especial disfarce²⁰⁵. A resistência específica do futebol prendia-se, sobretudo, com o receio de as suas origens elitistas se dissiparem sem retorno e com a consciência de que seria difícil impor aos participantes da modalidade em maior ascensão o mesmo espírito de sujeição que caracterizava os profissionais de outros desportos²⁰⁶.

Apesar disso, no futebol da década de 1880 já ninguém ignorava a generalização de pagamentos encobertos sob as mais diversas formas. O futebol tornara-se o desporto preferido das populações urbanas, arrastando semanalmente multidões e gerando um impacto económico crescente, em especial nas regiões de maior concentração industrial²⁰⁷. Sendo tal prática frontalmente proibida, multiplicavam-se as denúncias e reclamações dos clubes fiéis ao paradigma amador, que exigiam da *Football Association* sanções mais duras e mecanismos de fiscalização capazes de tornar eficaz um proibicionismo que, na prática, se revelava cada vez mais simbólico do que real²⁰⁸.

Em 24 de Junho de 1884, o avolumar dessas pressões conduziu à adopção de um conjunto de regras mais rigorosas, que proibiam a

204 RICHARD HOLT, *Sport and the British: A Modern History*, cit., p. 103. PAUL GARDNER, *The Simplest Game: The Intelligent Fan's Guide to the World of Soccer*, cit., p. 11. ADRIAN HARVEY, *The Beginnings of a Commercial Sporting Culture in Britain, 1793-1850*, cit., p. 217. STEFAN SZYMANSKI, *Playbooks and Checkbooks - An Introduction to the Economics of Modern Sports*, cit., p. 23. ERIC DUNNING, 'Culture', 'civilization' and the sociology of sport, *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, vol. 5, 4, 1992, p. 13. NORBERT ELIAS, *The Genesis of Sport as a Sociological Problem*, em *The Sociology of Sport*, Londres, 1972, p. 89. JOSEPH MAGUIRE, *Global Sport - Identities, Societies, Civilizations*, Oxford, 1994, pp. 75-94.

205 DAVE DAY; SAMANTHA-JAYNE OLDFIELD, *Delineating Professional and Amateur Athletic Bodies in Victorian England*, cit., pp. 19-20. HUGH CUNNINGHAM, *The Growth of Leisure in the Early Industrial Revolution, c. 1780-c. 1840*, em *Leisure in Industrial Revolution c. 1780-c. 1880*, Nova Iorque, 1980, p. 28.

206 ERIC DUNNING, *A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto*, em *A busca da excitação*, Lisboa, 1992, pp. 317-318.

207 CHARLES WILLIAM ALCOCK, *The Football Annual 1884*, Londres, 1885, p. 97. BRIAN DOBBS, *Edwardians at Play: Sport 1890-1914*, Londres, 1973, p. 40. ARTHUR HOPCRAFT, *The Football Man - People and Passions in Soccer*, cit., p. 27. MATTHEW LYNN McDOWELL, *Football, Migration and Industrial Patronage in the West of Scotland, c.1870-1900*, *Sport in History*, vol. 32, 3, 2012, pp. 405-425 (414).

208 TONY MASON, *Football*, cit., p. 147.

compensação de salários perdidos por mais de um dia e invertiam o ônus da prova, impondo a clubes e jogadores o dever de demonstrar a sua inocência em caso de denúncia. Os clubes eram ainda obrigados a comunicar as actividades profissionais e salários dos jogadores, bem como a justificar mudanças de residência, que não poderiam estar ligadas ao futebol. No mesmo movimento, e sob o lema *only Englishmen to play for English clubs in the F.A. Cup*, foi igualmente vedada a utilização de jogadores não ingleses na única competição de âmbito nacional, medidas que visavam, de forma pouco dissimulada, o êxodo escocês e a sua especial ligação ao profissionalismo disfarçado.

Percebendo que a observância dessas imposições equivaleria, para muitos, a abdicar do próprio modelo económico que já sustentava o espectáculo, vários clubes recusaram cumprir as novas regras. Em especial os do norte de Inglaterra²⁰⁹, que já concebiam o futebol numa lógica declaradamente comercial e não podiam prescindir desses atletas sem incorrer em prejuízos económicos sérios, com reflexos imediatos na redução da competitividade e das receitas de bilheteira. Para além disso, e porque também não pretendiam continuar a dissimular essas práticas, optaram por uma posição de força, ameaçando romper com a *Football Association* e preparar a constituição de uma nova entidade – a *British Football Association* – vocacionada para aceitar o profissionalismo e organizar competições abertas a todos os jogadores, incluindo os declaradamente profissionais e sem discriminação de nacionalidade²¹⁰.

Perante o risco de cisão e a consequente perda de influência sobre um fenómeno que já excedia largamente a esfera de mero passatempo, a *Football Association* recuou, suspendeu a aplicação das novas medidas e acabou por aceitar o profissionalismo de forma definitiva, na sua deliberação histórica de 20 de Julho de 1885, tomada após meses de intensa discussão²¹¹. Para além das profundas repercussões que causou no funcionamento e no desenvolvimento futuro da modalidade,

209 SANTIAGO SEGUROLA, *Prólogo*, cit., p. 9.

210 TONY COLLINS, *How Football Began - A Global History of How the World's Football Codes Were Born*, cit., p. 58.

TONY MASON, *Association Football and English Society 1863-1915*, cit., p. 81.

211 GEOFFREY GREEN, *A Diary of the Years*, em *Association Football*, vol. 1, Londres, 1960, p. 23. RICHARD HOLT, *Sport and the British: A Modern History*, cit., p. 106. MARIA JOSÉ CARVALHO, *Estado e desporto profissional: relação política e regulativa*, em *O Desporto e o Estado. Ideologias e Práticas*, Santa Maria da Feira, 2009, p. 88.

essa opção representou também uma conquista expressiva das classes sociais mais baixas²¹². E, numa demonstração eloquente da prevalência da realidade sobre a ideologia, nem sequer haviam decorrido dois anos desde a vitória, na final da *F.A. Cup*, dos operários do *Blackburn Olympic Football Club*, que estavam muito longe de poder ser vistos como atletas verdadeiramente amadores.

13. Considerações finais

Ao cristalizar um facto social já consumado, esse passo encerrou, pelo menos no plano formal, o ciclo de tensões entre o ideal cavalheiresco do amadorismo e a lógica imperativa da realidade económica, razão pela qual não pode ser reduzido a uma mera concessão táctica. Ao admitir que jogar futebol podia ser um ofício, a medida abriu também caminho à transformação do jogador em trabalhador, do clube em entidade empregadora e do jogo em actividade económica organizada, sujeita a regras próprias de contratação, designadamente em matéria de transferência e de remuneração. Representou, ademais, uma enorme conquista das classes sociais mais desfavorecidas e contribuiu para que a modalidade deixasse de poder ser praticada – e, sobretudo, percebida – nos mesmos contornos sociais e simbólicos. Ainda que inicialmente a situação dos jogadores permanecesse próxima do semi-profissionalismo – em razão de salários reduzidos que obrigavam a trabalhos adicionais²¹³ – o reconhecimento formal do profissionalismo tornou o sistema mais transparente e acelerou o declínio dos clubes e dos jogadores totalmente amadores, que tenderam a deslocar-se para modalidades onde essa natureza se mantinha intacta. Esse movimento foi particularmente visível no ténis – no plano individual – e no râguebi – no âmbito das modalidades colectivas –, que permaneceram formalmente amadores até 1968²¹⁴ e 1995²¹⁵, respectivamente, quando

212 MICHEL CAILLAT, *Sport et Civilization - Histoire et critique d'un phénomène social de masse*, Paris, 1996, p. 20.

213 WILLIAM J. BAKER, *The Making of a Working-Class Football Culture in Victorian England*, cit., p. 246. ERIC J. HOBBSBAWM, *The Age of Extremes - The Short Twentieth Century 1914-1991*, Londres, 1994, p. 198.

214 ANNE-MARIE WASER, *Du monopole fédéral au partage du pouvoir sportif: l'exemple du tennis*, *Sociétés & Représentations*, vol. 2, 7, 1998, p. 380.

215 HENRI GARCIA, *La Fabuleuse Histoire du Rugby*, cit., p. 887. PETER C. MCINTOSH, *Sport in Society*, Londres, 1968, p.

os últimos *gentlemen* também assumiram a qualidade de *players*. Não deixa, aliás, de ser significativo que só em 20 de Abril de 1974 – quase nove décadas após o reconhecimento formal do profissionalismo no futebol inglês – se tenha disputado o último jogo da *Football Association Amateur Cup*, competição criada em 1893 e que, até ao seu termo, funcionou como a derradeira barreira institucional a preservar uma fronteira competitiva entre atletas amadores e profissionais na pátria da modalidade²¹⁶.

A aceitação do profissionalismo deve ser lida como um ponto de não retorno. Não apenas porque legitimou uma prática há muito instalada que permanecia clandestina, mas porque deslocou o centro de gravidade do jogo para uma lógica em que a prestação desportiva, o espectáculo e a economia passaram a articular-se de modo estrutural e juridicamente relevante. A partir desse momento, o futebol deixou de poder ser compreendido apenas como jogo ou apenas como desporto: tornou-se também profissão em sentido pleno, com todas as consequências sociais e jurídicas daí resultantes.

Importa, contudo, sublinhar que esse reconhecimento não significou uma emancipação linear do trabalhador-atleta, nem o surgimento de uma profissão semelhante às demais. A mesma racionalidade económica que impôs a transparência dos pagamentos foi acompanhada, durante décadas, por mecanismos regulamentares destinados a estabilizar o investimento dos clubes e a controlar a mobilidade dos jogadores – o *retain and transfer system* e as compensações por formação e desenvolvimento – que reduziam drasticamente a liberdade de circulação dos atletas em nome da ordem competitiva e financeira do sistema. Foi nesse terreno – o da tensão entre a liberdade de trabalho e a protecção do investimento – que o futebol moderno consolidou a sua singularidade laboral, assente em compromissos frágeis, equilíbrios instáveis e focos recorrentes de conflito. A longa sombra desses modelos apenas começou a ser verdadeiramente dissipada com a ruptura

180. TONY COLLINS, *A Social History of English Rugby Union: Sport and the Making of the Middle Classes*, Oxford, 2009, pp. 183-205 (203-205).

216 DILWYN PORTER, *Peacefully at Wembley Stadium on 20 April 1974: The Quiet Death of Amateur Football in England*, em *Myths and Milestones in the History of Sport*, Nova Iorque, 2011, pp. 57-79 (57).

introduzida pelo denominado acórdão Bosman (C-415/93), que deslocou o debate para o núcleo duro da liberdade de circulação no espaço europeu e impôs ao futebol, por efeito de arrastamento e de uniformização regulatória, o reexame – e, em vários pontos, a reformulação – de práticas que haviam sido tidas como naturais por mais de um século.

Assim, e em síntese, ao reconhecer formalmente o profissionalismo, o futebol inglês não apenas aceitou o inevitável. Instituiu, mesmo sem o dizer, um novo problema de fundo, em que a liberdade do trabalhador-atleta e a lógica de protecção do investimento se enfrentariam, repetidamente, sob formas distintas. É nessa tensão, mais do que em qualquer proclamação ética, que se encontra a chave para compreender a trajectória jurídico-institucional do futebol moderno e, com ela, o sentido, a arquitectura e as opções fundamentais da legislação aplicável ao contrato de trabalho desportivo. Uma trajectória onde o *ofício* nasceu com a promessa de autonomia, mas rapidamente foi moldado por estruturas de dependência que só muito tarde começaram a ser seriamente questionadas. Não se trata, portanto, apenas da história do profissionalismo, mas igualmente da história das condições jurídicas da profissionalização e das formas – por vezes subtis, por vezes ostensivas – através das quais o sistema foi redesenhando o estatuto do atleta enquanto trabalhador por conta de outrem.

É precisamente neste ponto que o percurso histórico aqui sintetizado revela a sua função metodológica, porquanto o presente artigo, longe de se limitar a encerrar o trajecto que culmina no reconhecimento formal do profissionalismo no futebol, torna mais nítidos os problemas que esse reconhecimento não resolveu e que passaram a integrar o núcleo duro da relação laboral desportiva. Esses problemas foram desenvolvidos e enfrentados na tese que serve de base a este texto, designadamente através da análise do actual regime de cessação do contrato de trabalho desportivo, da delimitação do relevo económico dos direitos desportivos e da compreensão das receitas de transferência enquanto componente estruturante do financiamento dos clubes, com especial incidência no contexto português.

Deste modo, a conclusão histórica não se esgota num fecho narrativo, antes fixa o limiar a partir do qual se impõe reconhecer o desporto praticado ao abrigo de um contrato de trabalho como realidade

jurídica plena, onde a liberdade do trabalhador-atleta, a disciplina regulamentar e a estrutura económica do espectáculo se tensionam reciprocamente e reclamam respostas dogmaticamente sólidas e sistematicamente coerentes. Essas respostas, no entanto, excedem o âmbito do presente artigo, o qual, *entre o jogo e o ofício*, apenas visou sintetizar o quadro histórico indispensável para enquadrar as questões jurídico-laborais e económico-regulamentares que persistem numa profissão singular, questões essas que conheceram maior desenvolvimento e densidade na tese que o inspirou.